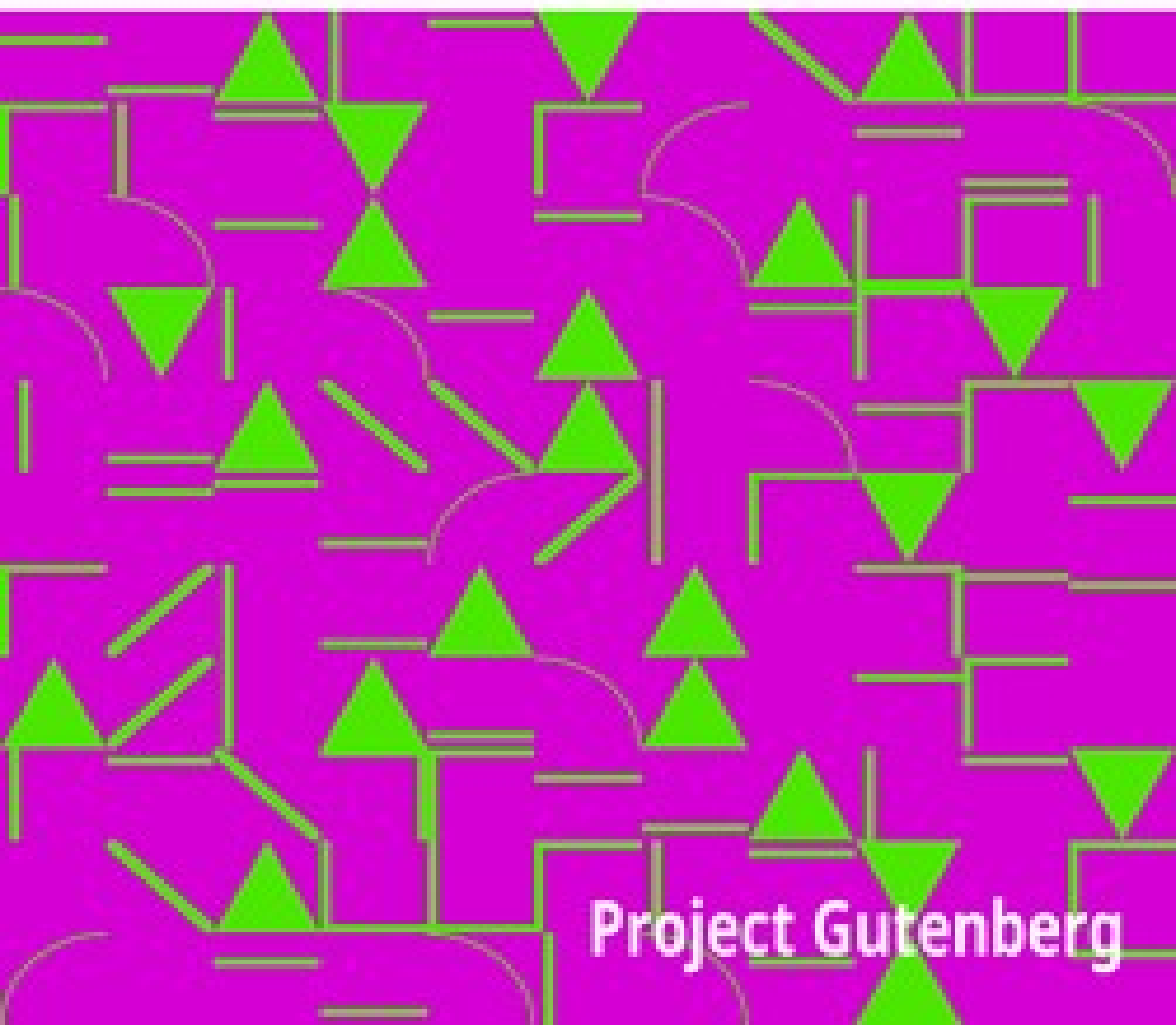


Crates Mallotes ou Critica Dialogistica dos Grammaticos Defuntos contra a pedantaria do tempo

Robert Guliver



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Crates Mallotes ou Critica Dialogistica dos Grammaticos Defuntos contra a pedantaria do tempo

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Crates Mallotes ou Critica Dialogistica dos Grammaticos Defuntos contra a pedantaria do tempo

Author: Robert Guliver

Release date: November 12, 2010 [eBook #34287]
Most recently updated: January 7, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Mike Silva

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CRATES
MALLOTES OU CRITICA DIALOGISTICA DOS GRAMMATICOS

DEFUNTOS CONTRA A PEDANTARIA DO TEMPO ***

CRATES MALLOTES
OU
CRITICA DIALOGISTICA
DOS GRAMMATICOS DEFUNCTOS
CONTRA A PEDANTARIA DO TEMPO,
ESCRITA E PUBLICADA
POR GULIVER

*Que chegou ha pouco da outra vida.
Obra taõ divertida como interessante aos curiosos, e amantes do
bom gosto.*

*Praeterea, ne sic, ut qui jocularia, ridens
Percurram: quamquam ridentem dicere veruim
Quid vetat?* Horat. Sat. I. do L. I.

LISBOA,
ANNO M. DCCC.
Na offic. de João Procopio Correa da Silva,
Impressor da Santa Igreja Patriarcal.

Com licença da Mesa do Desembargador do Paço.

*Non semper ea sunt; quae videntur: decipit
Frons prima multos: rara mens intelligit,
Quod interiore condidit cura angulo.*

Phaed. Prol. do L. IV.

AO SR. PANTALEÃO GONÇALVES SALGADO
DAS BARROCAS
ROBERTO GULIVER OBSEQUIOSAMENTE SAUDA.

*P*orque meu avô, que em paz descance, costumava gastar huma boa parte das compridas noites do Inverno ao seu lume, elogiando muito a pessoa de V. m. e fallando sempre no seu prestimo, e cançasso no serviço dos amigos: e tambem pela justa paixão, a qual, como Portuguez velho, por muitas vias sei, pela sua nação não cessa de mostrar: tudo isto me obriga a dar-lhe o incommodo de concorrer com todos os seus bons officios, para que se imprima o mais breve este livrinho, parto dos Grammaticos defunctos contra a pedantaria do tempo: em o qual livro achará V. m. as verdades mais importantes, não forjadas neste, mas sim no outro mundo, donde ha pouco cheguei a salvamento. Não quero todavia, que a sua bolsa padeça detrimento; por isso{IV} que o portador entregará 50 libras estrellinas: e, se mais for preciso, mais irá: nem seria necessário tanto, se eu não quizesse, que a Edição fosse em tudo completa, e que se estampassem 6000 volumes. Receba pois esta obra, como toda consagrada aos merecimentos da sua veneranda pessoa: e peça-lhe encarecidamente, faça por aqui aprender a ler seus netos; porque assim, não duvido, terá a satisfação de os ver em sua vida os melhores doutores; por isso que não lhes falta esperteza, do que estou bem inteirado. Deos guarde a V. m, muitos annos.

Londres 25 de Fevereiro de 1800.{V}

PROLOGO.

Qualquer que seja o estado, ó amicissimos Leitores, em que a sôrte tenha collocado o homem, nunca já mais o pode dispensar de Fazer bem aos da sua raça: foi este devêr gravado no coração humano pelo dedo da propria Natureza; nem taõ pouco o Author Supremo lhe permittio a feia liberdade de derribar os alicerces mais seguros da ordem social. Estes motivos, julgo, obrigáram a meu avô a fazer suas viagens a differentes ilhas, donde vos trouxe bellos, e interessantes documentos, os quaes, a meu ver, muito vos aproveitariam, se bem trabalhasseis pelos entender. Eu pois não querendo deixar só em taõ louvavel projecto hum illustre progenitor, que honrou ainda mais a sua nação, que a sua familia, fui, depois de alguns estudos sérios o unico patrimonio, que recebi de meu pai, passear pelo mundo, a fim de{VI} recolher os fructos, que a minha terra não houvera produzido. Agitado por isso destas boas intenções, viajei por todas as partes do orbe; e lá virá tempo, se a Parca o quizer, que eu deleite a vossa curiosidade com bocados bem gostosos. Entre tanto desfructai estas bem adubadas lições dos Grammaticos defunctos, que vos trago da ilha dos Mortos, á qual apportei não sei como, depois de haver naufragado dois dias antes, junto da Arcadia. Não me foge ser este presente bem digno da minha amada patria, e confio, que ella não rejeite as provas mais sinceras do meu affectuoso coração; ainda que por outra parte não desconheço mais quereria, que eu a mettesse de posse da dita ilha; mas não podendo ser a sua conquista senão depois da morte, só lhe dou o que cabe em a minha alçada: isto he, lições mui precisas, que a benignidade de Crates Mallotes, e de outros Grammaticos

fallecidos muito me recommendou; e as quaes eu terei sem algum{VII} rebuço, e com a mesma franqueza de vos manifestar; já por ter lido isto expressamente mandado, como vereis, por gente da outra vida, com quem não se deve brincar; já por ser contra o meu decóro não pizar a feia, e çuja lisonja com os mesmos pés que correram pelas ingenuas provincias da eternidade.{VIII}

{9}

CRATES MALLOTES.

DIALOGO I.

Acha-se Gúliwer depois de seu naufragio deitado em huma cama de penas; levanta-se, fica vestido com ellas: he levado ao palacio de Crates Mallotes: falla-se em a decadencia das Letras: estabelece Teive tres causas de pedantaria geral: nomeia Crates para cada huma seu relator, &c.

Tinha amanhecido o dia 27 de Dezembro de 1799, passados já quasi 23 annos, que havia sahido dos patrios lares, e para onde vinha navegando: seriam tres da tarde, quando se levantou pelo Sul huma nuvem pardacenta,^{10} que em breve espaço vestio o Ceo de negro, e logo o vento entrou a dar horrendos berros, os quaes converteram os mares em elevadissimas montanhas, cujas fraldas eram medonhas cavernas: ferviam os alaridos; mas a fervura pouco durou; porque a tempestade correu veloz, fez em migalhas toda a mastreação, o mar de Arcadia engolio o casco do navio, e sepultou em suas malvadas entranhas os meus amados companheiros. Eu andei abraçado com hum pedaço de mastro, dois dias, segundo penso, feito boia; no fim dos quaes cheguei quasi defuncto áquella parte da ilha dos Mortos, que os Grammaticos habitam. Não sei dizer como ahi apporrei; porque só me lembro de resuscitar no meio dos Grammaticos, que já morreram, cuja caridade, e benevolencia vou apregoar para confusão dos ingratos de que o mundo está cheio. He pois o caso: mal hia eu abrindo os amortecidos olhos, senão quando vejo Sanches todo arregaçado a applicar-me varios

remedios, e ninguem dizia nada, eu tambem{11} fiquei callado; porém nada me escapou: porque reparei me haviam deitado em hum leito de negro evano, enterrado em plumas de aves desconhecidas, no meio de hum portico de soberbas columnas, o qual servia de fachada a hum palacio taõ magnifico, que bem conheci não ser feito por braço mortal, cujas obras pelos erros, e defeitos, logo se dão a conhecer.

Assim estava medindo com os meus botões o edificio dos mórtos, quando Sanches observando hum e outro pulso, disse: *Desta estás çafô*. Eu porém, que não estava acostumado a ouvir fallar defunctos, metti a viola no sacco. Mas o Francez Despauterio, como quem quiz mostrar o pique da sua nação contra a Hespanhola, disse com hum rizo Sardonico, muito gosto, Sanches, de vos vêr de Grammatico feito Medico. Já no mundo (tornou o sabio Brocense em hum tom, que me regalou) fui o Medico, que curou as doenças literarias do teu paiz: o meu nome lá anda na boca{12} dos eruditos; o teu na dos pedantes.

Entaõ Despauterio ficou de queixo cahido: todo o congresso bateu as palmas, e carregou de vivas o Principe dos Grammaticos, e eu animado com a galhofa agradeçi-lhe muito a caridade com que me tratou: e fiquei desde entaõ senhor de mim de tal feição, que me parecia, já não ser homem de Inglaterra: de maneira que sem cerimonia nenhuma saltei pela cama fóra; mas quanto não fiquei maravilhado, quando me vi vestido das mesmas pennas, em que, pouco havia, estive deitado! Fiquei pois com huma beca, como de Desembargador, e não cessava de me mirar, assim como fazem os casquilhos no meio das ruas; porém he certo que eu não obrava assim por asneira, como elles. Toda a minha admiração era ver hum vestido feito por si mesmo sem tezoura, nem agulha de alfaiate. Antonio Nebrixa conheceu o meu espanto, e disse: Aqui não admittimos homens, que fazem officio de mulher, e subministram ao luxo mundano{13} o ultimo refinamento, ajudando os teares da tua nação a esgotar quanto dinheiro as outras tem. Fiquei envergonhado, e elle conhecendo o meu pejo, virou-se para a turba, e disse: Aonde está Linacro, que não vem dar as boas vindas ao

seu compatriota? Logo appareceo o Grammatico Inglez, de quem recebi aquelles generosos cortejos, que de homem taõ douto devia esperar. Entaõ fez D. Maximo de Sousa certo signal, e fui levado em procissão para o palacio.

Logo que ahi entrei, espetei os olhos em hum velho venerando, o qual estava sentado em o segundo salaõ em huma cadeira toda cravejada de brilhantes carbunculos; em cujo espaldar se viam as armas do Rei Attalo, de quem havia sido Embaixador. Ajoelhei, e elle virou a cára para a banda. Disse-me entaõ Estevam Cavalleiro: Aqui não se gosta de lisonjas, faze o que vires fazer aos mais. André de Rezende, que estava ao pé, disse-me: Todos aqui estamos assentados: aquelle he verdade está com mais^{14} distinção, por ter sido o primeiro Mestre, que Roma teve, Crates Mallotes se chama.

Entaõ eu pedi licença para fallar: ao que todos os que estavam perto de mim, responderam, que não só pelos merecimentos de meu avô, mas pelos proprios, os quaes valiam seiscentas mil vezes mais que os alheios, podia eu dizer o que bem quizesse. Abaixei a cabeça pelo obsequio, e disse: Se bem me lembro, este homem foi Grego, e não sei, porque recebe aqui as honras de primeiro contra outros da Grecia muito mais antigos que elle? Assim he, disse Sanches, mas como os Romanos venceram os Gregos, e ficaram senhores do terceiro periodo das Letras, tambem sempre respeitaram o seu primeiro Mestre: e tendo o imperio Romano dado leis a todo o mundo, ficou este com os seus discipulos nesta Ilha ainda recebendo as honras do Magisterio: e nós todos respeitamos muito as suas cãs.

Quando elle assim fallava, vi huma^{15} nuvem de Grammaticos Romanos, que o Barbadinho nomeava por seus proprios nomes, que me não eram novos pelos haver lido em Suetonio *de Illustribus Grammaticis*. Notei com tudo tres turmas differentes, a saber, a primeira dos Grammaticos antigos, isto he, desde o fim da segunda guerra Punica até o seculo X. da era vulgar: outra dos velhos, isto he, desde o seculo X. até o XVI. a ultima dos modernos, isto he,

desde então até hoje. Porém muitos dos modernos estavam misturados com os velhos; e disse-me Porretti, que era por terem seguido as mesmas opiniões. Também ouvi em outro salão hum grande susurro, e disse Cataldi, serem os Grammaticos antiquíssimos, de quem não havia memoria no mundo, e que por isso viviam solitarios.

Cuidei, disse eu, que a Grammatica não era tão antiga: he mais (respondeu Carlos Tobalduzio) do que os pedantes pensam: mas sentemo-nos, que para isso já o Mestre fez signal. Logo que todos se assentaram, e eu ao^{16} pé de Sanches, poz Crates Mallotes huns oculos no nariz, e avistando-me, diz: Também por cá, meu Inglez? Eu me admirava já de não apparecer por aqui algum marinheiro da Grã-Bretanha mas vamos adiante, que vos parece a pedantaria deste chamado seculo das luzes? Ha 23 annos, respondi, que sahi da minha Patria, e Portugal foi a primeira terra, que depois da minha conheci: E então que viste por lá? Florecer as letras com muita vantagem, o commercio; vi manufacturas, tão boas, ou melhores, que as do meu paiz.

Assim foi, disse Crates, mas para que saibais, quanto agora lá vão decahindo as letras, para que eu não falle em outras nações que finalmente estão prostradas na mais furiosa ignorancia, vos informará o respeitavel Diogo de Teive, e outros Portuguezes, e estrangeiros, os quaes comnosco vivem. Porque, não obstante as justas providencias, que para remedio deste mal, ha dado o melhor e o mais pio de todos os Monarcas^{17} do orbe, necessariamente havia de fazer alguma opposição á piedade de seus desejos a furiosa torrente de desgraças, que ha onze annos, tem alagado de sangue, e de maldades a infeliz Europa. Portugal, talvez pela sanctidade de seu Augusto Soberano, tem padecido bem pouco; ahi ha mais sabios, melhores soldados, mais gente honrada em todos os estados, do que nação alguma possue. Por isso, meu Inglez, applicai as nossas justas censuras, ainda com mais razão, a todos os povos da terra; e confessai isto mesmo lá no mundo, para credito da nossa honra, e prova da nossa verdade.

Eu desempenharei, diz Despauterio, a tua commissão, nem outro melhor para isso acharás. Callai-vos, respondeu Mallotes, todos sabem que fostes hum gritador contra todos os Grammaticos de teu tempo, quando a tua Arte he hum *cahos* muito semelhante á massa informe, que existia *Ante mare & terras....* O Francez vaidoso ficou fazendo trejeitos;^{18} mas por entã ficou callado.

Todos gostaram muito do sabonete do velho; porém Diogo de Teive com toda a civilidade principiou dizendo: Ainda que Despauterio tenha milhares de defeitos em a sua obra, não deixa todavia de ter algumas coisas interessantes, de cujo numero he a definição de Grammatica: *Omnium scientiarum sons uberrimus*. E certamente, se o dom da palavra he hum dos maiores que do Ceo recebeu a humana geração, e porque se differença dos brutos animaes, como poderiam sem este dom os homens viver em sociedade? He por esta via que elles huns aos outros communicam os seus desejos, e sentimentos, a fim das utilidades, e interesses da vida social. He logo preciso que o homem saiba fallar; pois senão souber, de que lhe valem todos os seus conhecimentos? E não será por conseguinte a primeira de todas as disciplinas aquella de fallar, e escrever sem erro?^{19}

Quem o duvida? disse Vossio, por isso he que os Gregos, Mestres do genero humano inventaram a Grammatica. A isto tornou Crates Mallotes, abaixando a cabeça: Não ha duvida que de nós a receberam muitos povos; mas já antes de nós os Hebreos a conheceram.

He verdade, continuou Teive, que os sabios de todos os tempos muito bem se persuadiram do interesse desta arte; e póde-se dizer que ao homem, o qual sem ella quizer ser letrado, acontecerá o mesmo, que ao cego sem moço, nem bordão, correndo por montes, e rochedos.

Mas os homens deste tempo, diz Pedro Simão Abril, nenhum caso fazem della: todo o que era tido por honrado em o meu, mandava seus filhos ao Latim; e desta maneira ficavam pelo menos com alguma instrucção de Grammatica geral.

Sim, disse o Barbadinho, não ha muitos annos, que os rapazes hiam leguas aprender Latim, hoje não faltam Mestres, sem terem a quem ensinem.^{20} Por isso, disse Agostinho Saturni, ninguem vê senão casquilhos, mettidos a espertos, sem que ao menos saibam ler.

Naõ se estudando Grammatica, proseguio Teive, tambem fica abandonada a Logica, a Eloquencia, e os mais estudos, que allumiam o espirito do homem: e daqui vereis quanto vão decahindo as letras, sendo taõ poucos os que a ellas se applicam.

De França, disse Lopo Gallego, veio o exemplo desta pedantaria, deste desprezo das letras. Aqui se levantou o P. Manoel Alvares, todo inflammado, e disse: Depois que o grande Rei D. José reformou os Estudos, e reprovou a minha arte, ficou a Grammatica Latina bem facil de aprender; mas a pezar desta reforma vejo cada vez mais pedantes, e estadistas de café.

He verdade, disse Fr. Theotonio de Lisboa, que as intenções do nosso Rei foram todas as mais heroicas; Portugal no meio deste seculo poz-se^{21} todo luminoso; e os sabios cresciam em tanto numero, quanto era o das mercês, e premios, que de taõ alto Senhor recebiam. Estas luzes porém vão-se diariamente apagando pelas borrascas tenebrosas, que ha dez annos pegaram, e a ignorancia corre appressadamente a pôr no cachaço dos humanos a sua canga de ferro.

Como póde ser, disse eu, que as letras tenham decahido tanto em Portugal? Ha 23 annos, que lá estive, e parecia-me ter sabios para ensinar todos os povos do mundo.

Ainda hoje, respondeo Martinho Crusio, tem em sua pequenez mais eruditos que nação alguma; porém a mocidade vai perdida: e esta praga he geral, ainda naquelles povos, que se jactam de mais espertos.

E que vos parece, companheiros, disse Sevio Nicanor, a persuasão ridicula de certas cabeças allucinadas, que attribuem á

sciencia as revoltas deste seculo? Á ignorancia,{22} respondeo Aurelio Opilio, he que deveram ser attribuidas.

Dizeis bem, continuou Teive, esse he hum sophisma *non caussae pro caussa*. Porque pela falta de sabios perdeu-se Athenas: o imperio Romano espirou em a noite da ignorancia: França nunca foi tão florescente, como em o tempo de Luiz XIV.: Hespanha em o dos Reis Catholicos. Estas provas são de facto, e só por outras da mesma natureza podem ser contrastadas.

Joaõ Despauterio, que vio fazer a França aquelle elogio, poz-se todo tezo, e disse, que ella havia sido a mãi dos sabios; Crates Mallotes porém, que já o mandára callar, poz-se a dar cuadas, e parecia hum vibora. Vendo Jerardo Joaõ Vossio o velho assanhado, disse: Aqui não he lugar de enganos, bem sabeis que os Francezes nunca passaram de Contrabandistas das letras. Todos sabem que elles tem vertido o trabalho dos mais povos, e que muitos inventos{23} alheios os tem vendido por seus.

He isso tão certo, diz o grande Joaõ de Barros, que até a invenção da maquina aerostatica fizeraõ sua, quando foi de hum clerigo Portuguez, que sendo entã tido por Magico padeceu seus detrimentos.

De vagar, de vagar, disse Lancelot, senã temos inventores temos aperfeiçoadores, o que he nada menos estimavel. Vede Maxilon, e Bordalue, e reparai quanto he hum semelhante a Cicero, e o outro a Demosthenes. Confesso, disse Barros, souberam bem aproveitar-se da Eloquencia Grega, e Romana. He na verdade grande admiração hum imperio tão vasto produzir hum punhado de homens grandes! Mas disse-me, que vedes agora por lá, senã systemas imaginarios, que estando armados no ar hoje se levantam, ámanhã se dissipam, bem como as nuvens, que tem os mesmos alicerces?

Esta disputa hia sendo bem gostosa, e tratada com calor; mas Crates{24} Mallotes deixou cahir a vizeira, e tudo ficou em silencio: e olhando para hum, e outra parte; a essas disputas, disse, são impertinentes; já vos mandei, Diogo de Teive satisfazer a esse

Inglez. Então o Illustre Humanista continuou, dizendo: A causa da decadencia das letras, ou para o dizer melhor, as causas da pedantaria deste tempo são tres: a primeira são sem duvida os pais de familia, que em vez de educarem filhos, que honrem a lua patria, criam ou leões que a devoram, ou porcos, que a çujam: a segunda são os Mestres idiotas, e charlatães, que vam formando discipulos a si semelhantes: a ultima são os máos livros didaticos por onde muitos ensinam a mocidade.

Todos os Grammaticos applaudiram muito a proposta de Teive, e ao mesmo tempo hiam cortando o discurso com as suas costumadas reflexões, e já era o susurro tamanho, que nada se percebia: então Crates deu duas pancadas em a cadeira, e^{25} fallou com palavras meigas: Bem vedes, amados companheiros, que esse Inglez he vosso discipulo, e que por isso he necessario o bom methodo para se aproveitar das vossas interessantes lições. Sou pois de parecer que a primeira das tres causas da pedantaria, que tu, ó Teive, tão eruditamente expozeste, seja tratada por Marco Fabio Quintiliano; a segunda por Elio Antonio Nebrixa: a ultima por Francisco Sanches Brocense; pois que foi, e será sempre a honra dos escritores Grammaticos: com tudo qualquer dos outros poderá fallar em tempo competente para deleite deste respeitavel congresso. E tu, ó mortal ditoso, que tiveste a ventura de ouvir em tua vida as lições dos mortos, não percas cousa alguma, para sahires daqui com as forças precisas ao justo fim de bem coçares huma chusma de pedantes, os quaes com seus erros, e com sua ignorancia tem çujado, e envilecido as nossas provincias Grammaticaes.^{26}

Abaixei a cabeça, e beijei as palmas em signal de agradecimento: e os outros ficaram com a boca aberta a olhar para Quintiliano, que se foi sentar em hum escabello, o qual estava chegado á cadeira pela parte de diante.^{27}

DIALOGO II.

Expõem Marco Fabio a primeira causa da pedantaria: erros de educação: bandalhices: desprezo da literatura: funestas consequencias, &c.

Quando todos os Grammaticos defunctos estavam com a maior attenção, fez huma grande reverencia Fabio, e deu com o queixo no peito huma tamanha pancada, que todo o edificio tremeu, e eu de medo cahi sem sentidos; nem por certo o meu desmaio foi semelhante aos fenicos das damas, que fingem diabruras para terem occasião de fallarem aos casquilhos: Sanches que era bem versado em Medicina, logo me chegou ao nariz hum estimulante, o qual me tornou tão esperto, e huma memoria tão feliz, como podereis ir observando^{28} em todo o processo destas arengas.

Mas tornando ao proposito: Depois daquella ceremonial venia, que tão cáro me custou; voltou Quintiliano successivamente a cabeça para os lados de toda a assembléa, do mesmo modo que fazem os Oradores em o principio de seus discursos; e então assim principiou: He sem duvida serem os pais de familia a primeira causa da pedantaria. Apenas os infelices meninos nascem, logo entram a puchar por elles para o curral da ignorancia, e pelos caminhos do vicio he que vão arrastrando aquellas innocentes victimas para os altares da charlatanaria, e da maldade.

O peor he, disse Francisco de Brito, que muitos pais ensinam aos filhos as mais ridiculas extravagancias, e estão persuadidos, que só elles sabem dar boa creação a seus filhos. A esses, disse Nicodemos Frischilino, a sua tolice os desculpa; mas nenhuma tem os que praticam todo o genero de maldades sem pejo da sua familia{29} ser testemunha, e quereram que ella seja virtuosa?

Taes, disse Lucio João Scopa, com suas amoestações, conseguem o mesmo, que a mãe dos caranguejos, a qual mandando aos filhos, que não andassem ás avessas, elles responderam: Andai vós ás direitas, e nós vos seguiremos.

Bem sabeis, disse Fabio, que eu fui o primeiro Mestre público que em Roma ensinou, e nunca cessei de clamar contra a má educação, que os pais dão aos filhos; mas os homens de hoje são infinitamente mais culpados.

Que Romano, disse Samuel do Prat, não entranhou com o seu exemplo em o coração dos filhos o amor da patria, e das letras?

Ora pois, continuou Fabio, os idiotas nunca em Roma figuraram, senão em os seculos da escuridade; por isso os pais procuravam pela sciencia a fortuna dos filhos, e a sua.

Mas em que pontos principalmente,{30} diz Elias Maior, peccam hoje os pais em a educação de seus filhos? Dois extremos viciosos, respondeu Quintiliano, são as causas primitivas. Huns os tratam com excessivo mimo, outros com excessivo rigor. Daqui nasce, serem estes clausurados em casa, como Freiras, e serem aquelles largados sem freio para onde querem. Todavia accresce a tudo o mau exemplo: porque, como a virtude, anda fogindo destas guerras, e destes desaforos modernos, se o menino não a encontra lá por fóra, muito menos a achará em casa, aonde nem se falla em Doutrina, nem em Religião, nem em temor de Deos, nem amor da patria, do Soberano, das sciencias, &c. Ora vede agora que taes doutores serão os filhos de tão bons pais? Por isto, disse Buchnéro, o mundo está cheio de paraltas, e estadistas, como nunca.

E que vos parecem, disse Barnabé de Busto, estas bandalhices da moda? estes çapatos de bico mais comprido, que corno de boi? Estes calções,{31} que custam mais a saccar das pernas, do que a cobra a largar a sua pelle? Estes dois relógios? Estes chapéos de zabumba? Por ventura os Romanos senhores do universo praticaram no meio do seu luxo, e das suas riquezas, semelhantes extravagancias?

Naõ chameis, respondeo Fabio com muita brandura, naõ chameis a isso extravagancias, chamai-lhe falta de bóla. Os Romanos foram muito sabios: todas as ordens tinham seu modo de trajar; e o mesmo homem em as suas diferentes idades usava de vestido accommodado a cada huma dellas.

Os nossos antigos Reis, disse André de Resende, foram inimigos declarados do luxo: e estavam taõ persuadidos serem estes os sentimentos de todos os seus vassallos honrados, que D. Affonso o Bravo deu hum grande golpe no luxo para adoçar a magoa publica, que nasceo das desavenças, que elle tivera com seu irmão: e o que foram os Portuguezes daquelle{32} tempo, prova-se com a batalha do Salado, cuja memoria, faz parecer, todas as que depois houveram, brincos de rapazes.

Mas ainda dado, replicou Barnabé de Busto, que entre os antigos, apparecesse alguma vez o luxo, esse lobo faminto, que devora a honra, a virtude, e o dinheiro, vio-se em alguma época taõ enfeitado de redicularias como hoje? Os çapatos de espeto, naõ mostram quanto he romba a cabeça de quem os traz? Os calções de talas fariam menos deshonestos os antigos Faunos, quando dançavam nús em os theatros? Os...

Basta, disse Manoel Alvares, o peor he o custo do feitio, e da peça, que dura tanto, como aquelle animalinho, que nasce pela manhã, e morre á noite. Eis-ahi a causa, diz Taberio, de huma enxurrada de caloteiros, e de merittrizes, que tudo varrem.

Naõ houve seculo, continuou Manoel Alvares, nem mais farto de viveres,{33} nem mais abundante de gente honrada que o meu;

ensinei no pateo de Santo Antão, e nesse tempo o ornato dos estudantes não passava de huma sotaina, e capa de baeta, assim como todo o luxo dos Cidadãos consistia em huma casaca de saragoça de abas entrouxadas, e canhões de barbas até aos joelhos.

Mas essas casacas, disse Quintiliano, nunca eu approvaria pelo muito panno, que consumiam. Não tendes razão, tornou o velho Portuguez, essas casacas ficavam dos avós aos netos, e vinham a ser hum respeitavel morgado das familias: eram as melhores insignias de hum homem honrado; nem havia precisaõ de outro distinctivo: hoje porém não sabereis differençar nem hum ridiculo, nem hum homem de bem, senão com muito trabalho.

Dizeis bem, disse Caspar Sciopio, os homens honrados algum dia não andavam com penicos na cabeça, nem com brincos nas orelhas, salvo, se por desgraça se faziam escravos da^{34} Rainha da Lidia; porque então não só seriaõ capazes de fiar na roca, mas tambem de levarem huma albarda ás costas com muito gosto.

He certo, proseguio Quintiliano, que os pais erram muito em consentir semelhantes loucuras aos filhos, e ainda mais em praticalas; porque estes erros abrem a porta a infinitos males, os quaes perturbam a sociedade. Mas os procedimentos a respeito do espirito tem consequencias tanto mais funestas, quanto he mais attendivel a parte do homem, a qual só o póde fazer feliz, ou desgraçado.

Isso he, disse Curcio Nicia, ao que menos se attende: entrega-se o menino commummente a huma mulher para o ensinar a ler, ou vai a escola, ou vem Mestre a casa. Porém como o ensinar a ler, sendo coisa bem trivial, não he todavia para ignorantes, ahi se vai condemnar o innocente ao trabalho inutil de seis, sete, e mais annos, e por fim he tal a sua leitura, que faz vomitar a quem ouve. Perdido^{35} este tempo, assim como havia de ser o resto da vida se em taes lições fosse gasto, vem então Mestre Francez, já o moço sabe fazer seus cumprimentos naquelle idioma, o pai, e a mãe se

estão babando a ouvir o seu novo Monsieur. Então julgam terem em casa hum sabio da Grecia; mas não sabe o *Padre nosso*!

Isso, disse Sciopio, he só para aquelles, cujos pais tem boas mezadas, que dem aos emigrados, que se não contentam com bagatellas: que os outros quasi todos vão para o Collegio aprender Mathematica sem fumos de literatura.

Não fallemos nisso, proseguio Quintiliano, quando o Lente os manda á pedra, então conhece, que nem sabem fallar. Mas a pezar de tudo, disse Sciopio, são os chefes dos estadistas da moda: elles pelas assembleas, e pelos botiquins, de tudo fallam, de tudo decidem, para tudo tem bellos planos; e com o seu luzidio compasso tudo sabem medir. Porém estes, e muitos outros falladores semelhantes, de^{36} que por desgraça abunda toda a Europa, são huns fracos, e a deshonor dos racionaes, assim como o jumento he a dos brutos.

O pai, disse Antonio Pereira, que manda seus filhos a essas sciencias, sem bons principios de literatura, he semelhante ao que obriga o Architecto a fazer huma alta torre sem nenhum alicerce, a qual mais hoje, mais amanhã ha de cahir. Ora vede quaes serão as consequencias da sua quéda!

Esse era o justo motivo, disse Antonio Feliz Mendes, de tu fazeres alardo das tuas artes de Grammatica Latina, quando nenhum fazias das outras infinitas obras, de que tambem foste autor.

Era essa, continuou Fabio, huma vaidade digna do sabio Pereira, e teria feito a Portugal hum eterno serviço, se em vez do trabalho de algumas das suas obras, que o não honram, aperfeiçoasse o seu Novo Methodo, e o seu Compendio, para o que tinha forças de sobejo. E certo, o homem que,^{37} não sabe Grammatica, sejam quaes forem os seus estudos, nenhuma Bulla o pódem dispensar de ser pedante. Como poderá perceber os lugares da Historia, como entenderá os authores, quem ignora a sciencia das palavras? Como dará o juiz a sua sentença? Como fará o Theologo as suas analyses.

Mas as aulas publicas de Latim, diz mui agastado o respeitavel Pereira, estão quasi vasiaas de estudantes, que dizeis? Digo, proseguio o Romano, que toda a culpa he dos pais; e por isso vereis cada vez mais idiotas, mais ociosos, mais presumidos, mais gárrulos.

He huma piedade, disse Antonio Félis, ouvir a muitos pais as causas futeis de não mandarem os filhos ao Latim. Não pertendemos, dizem elles, que sejam nem Frades, nem Clerigos: nem tão pouco se necessita de Latim para ser bom Cidadão.

Não se necessita de Latim, disse o grande Diogo de Teive todo fóra do seu sério, não se necessita de Latim^{38} para qualquer ser bom homem, mas necessita-se delle para não ser asno. Ainda que a lingua Latina não fosse a lingua dos sabios, bastava para ser estimada o ter muitas filhas na Europa, que herdaram muito cabedal da sua mãe, do qual nunca já mais saberá dar conta quem ignorar as riquezas della. Assim he que estão infinitos sujeitos em empregos publicos, ganhando salarios enormes, os quaes nem escrevem coisa direita, nem sabem atar duas palavras juntas, e o mais por modestia fique no silencio.

Tudo isso, disse Joaõ de Barros, he fructa deste tempo tenebroso. O mundo em suas mudanças tambem vai variando os seus registos, e por força alguma vez sahirão os desaffinados. Até agora tendes bem mostrado as doenças literarias; não he porém da nossa caridade deixalas sem algum remedio. Julgo pois, que se deve entregar o menino a hum Mestre erudito, para o ensinar bem a ler, e a amar a sua Religião, e os seus deveres: depois disto^{39} deve aprender a Grammatica da sua, lingua materna; porque, não embargante, que em a Latina se acham os principios geraes de todos os idiomas, não devem todavia ignorar-se os particulares daquelle que mais que nenhum ha de servir aos interesses, e ás utilidades da vida. Entaõ vá aprender Latim, e por fim Filosofia Racional. E sem estes subsidios escuza de avançar a outras sciencias; porque he melhor não saber, que saber mal as coisas.

O conhecimento da Grammatica da lingua materna, continuou Fabio, tem sido recommendado pelos sabios de todos os tempos: nós a ensinavamos em Roma juntamente com a Grega, e veio assim a fazer-se a nossa linguagem tão bella, e tão universal pelo mundo, que só entre povos selvagens, se acharia, e com muita dificuldade, quem não entendesse alguma coisa do idioma Latino. O Imperador Carlos Magno julgou não ter ainda alcançado a immortal gloria com a multidão dos seus triunfos; por isso em a sua velhice^{40} compoz para as suas gentes huma Grammatica Tudesca.

Por mais que clamei, disse Barros, já em o feliz Reinado de D. João III. por introduzir nas escolas a Grammatica Portuguesa, nunca o pude conseguir; nem depois sobre isto foram observados os Decretos do sempre Augusto D. José I.

Amigos, proseguio Quintiliano, isso pertence aos Professores, e se os pais nisto tem alguma culpa, he só em entregarem seus filhos a Mestres pedantes. Elles os procurariam bons, se hoje houvesse a lei que desobrigava os filhos de socorrer aos pais, que tendo posses, não os mandavam instruir nas letras. Em quanto esta lei durou foi a Grecia em tudo respeitavel, e se ainda agora revivesse em os povos civilisados, não seria a substancia publica devorada por infinitos glutões, que tudo engolem, e que de ordinario são os menos fiéis á sua patria.

Hum homem erudito, e Christão, disse Duarte Nunes, vendo o ignorante,^{41} e inhabil a cevar a gula com o comer ao seu merecimento devido, póde sim por alguns momentos queixar-se; he com tudo impossivel moral esquecer-se da gratidão dos beneficios; mas o idiota presumido cuida, que mais se lhe deve, e ingrato desdenha de quem o farta.

Tudo isso he verdade, disse João Rivio; mas reparei, que Barros não fallou em aprender Francez, quando alguns autores mandam que o seu estudo seja antes do Latim. Esse Portuguez, continuou Fabio, he mui douto, e não devia favorecer a pedantaria: quer justamente que logo que se saiba ler, se aprenda a Grammatica da lingua materna, e depois a Latina, por ser mãe da Franceza, da

Portuguesa, da Italiana, da Hespanhola, e de outras, que facilmente aprenderá quem souber a lingua dos sabios. E digo-vos que o Francez tem estragado bellissimos idiomas.

No tempo em que ensinei letras humanas em a Universidade de Coimbra, disse o honrado Teive, poucos,^{42} ou ninguem estudava Francez. Porém he certo, que nunca Portugal teve nem mais sabios, nem melhor gente. Não possuia então a nossa lingua nem outra formosura, nem outras riquezas, que as herdadas da sua respeitavel mãe: e hoje apparece de quando em quando com a sua capa de remendos, mais ou menos despresivel, segundo os retalhos, e os pontos do alfaiate, que a cozeu.

Mas tendo os Franceses, disse Mariângelo, vertido as obras dos outros, como fica notado, não será inutil saber esta lingua. Sempre são versões, respondeo Julio Cesar Escaligero, melhor he ler os originaes. Não sou contra este idioma; confesso que nelle estão escriptos bons, e máos livros. Com tudo estou pelo sentimento commum dos sabios, que o seu estudo não deve ser o primeiro; e até julgo não ser presentemente grande perda ignoralo, em quanto que não chegam das duas Anticeras navios, e mais navios carregados de helleboro para curar a funesta^{43} loucura, que se apoderou das cabeças daquelle povo infeliz.

Pais de familia; pais de familia exclamou Fabio, vós sois a primeira causa da pedantaria geral, e oxalá o não fosseis tambem dos horrores deste seculo de lagrimas.

Assim acabou Quintiliano, deixando ver em seu triste semblante a magoa de seu peito.^{44}

DIALOGO III.

Expõe Antonio Nebrixa a segunda causa da pedantaria: motivos de haverem tantos Professores inhabeis: entre os de ler são raros os bons: como se póde isto remediar: os de Latim ainda são bastantes: muitos particulares enganam os pais de familia: os rapazes devem frequentar as aulas públicas, &c.

S Ahindo Marco Fabio todo consternado daquelle assento para o seu primeiro, logo para alli se foi chegando Antonio Nebrixa: estava elle embrulhado em hum pellote cor de fogo de feitio mui exotico, com hum gorro pardo na cabeça, que lhe chegava ao meio das costas: e apenas se assentou deixou cahir hum sobreolho tão feio, que parecia huma carranca de navio. Mas cuidando eu que elle^{44} ficaria eternamente severo, não foi assim: por quanto, feitas as suas continencias, soltou taes gargalhadas de riso, que Crates Mallotes lhe disse com muita brandura: Eu vos escolhi para que ajudeis a fazer a caridade aos Professores pedantes e isto he o ponto do maior melindre, e da mais alta importancia: dizei a verdade, e deixai as risotas para occasião competente.

Ainda bem não tinha o velho Mallotes concluído tão judiciosa admoestação, quando Nebrixa, compondo o seu comprido barrete assim começou: Se os pais de familia são mui culpados na pedantaria dos fins deste seculo, os mestres lhes ficam a perder de vista. De toda a Europa vos referiria exemplos, se a minha

commissão não fora muito mais estreita. Não penseis todavia, que hum homem como eu, depois de deixar sepultados os enganos, e as mentiras com os despojos da humanidade, que a terra engolio, se atreva a satyrisar muitos Professores Portuguezes, os quaes com as suas obras,{46} e com as suas lições, que os eruditos bem conhecem, ainda hoje servem de honra, e de lustre áquella nação; a qual desde o Reinado do grande D. Diniz, dignissimo neto do nosso D. Affonso Sabio, até ao presente tanto da escola de Minerva, como da escola de Marte, tem offerecido ao mundo heróes tão prodigiosos, que a fama, tendo cem bocas, apenas os póde contar. Dirige-se pois a justiça de minhas queixas, contra milhares de Professores ignorantes; e desejára fazelos conhecer, para que não deshonrem os benemeritos, sendo confundidos com elles.

He justo, disse Filippe Melanchton, que sejam conhecidos os zangãos pelos effeitos, e que se restitua o mel ás sabias abelhas.

São mui verdadeiras as vossas expressões, disse Antonio Pereira: já antes da minha passagem para a vossa companhia observei muitos presumidos a enganarem os pais de família, com ditos apanhados aos sabios, feitos Catões pelas assembléas, e pelos botiquins, a{47} fim de ajuntarem hum bom rebanho de rapazes, os quaes com prejuízo da bolsa paternal vem a ser os semeadores da charlatanaria, e ignorancia de seus Mestres.

Sim, disse Nebrixa, semelhantes Professores são primos co-irmãos do çapateiro, que não tendo geito para fazer çapatos vendia saccos de antidoto, mas antídoto no nome; porque lhe custava menos a ser Medico dos simplices, do que a fazer calçado a casquilhos, e a peraltas.

O Augustissimo Rei D. José, continuou Pereira, Nome, que proferido fará vir aos labios de Portugal saudosas, e ternas lagrimas, sempre que se lembrarem do que lhe devem, escolheu para educação da mocidade os homens mais benemeritos, e não sei como tem graçado tanto o pedantismo.

Ninguém melhor que tu o sabe, respondeu Nebrixa; porque foste hum respeitavel membro da Meza Censoria; por isso bem conheces a causa de tantos Professores ignorantes: fugiram{48} acaso do mundo as *Instrucções* appensas justissimo *Alvará* de 1759? E não determina elle que senão ensine nem publica, nem particularmente sem rigoroso exame? Não dá bem a entender quaes devam ser os conhecimentos dos Professores? O Augustissimo D. José para os animar não os incorporou em Direito Commum, fazendo-os Nobres? Não vês estudantes de Latim, para que eu não falle em os de outras faculdades, feitos Mestres sem outros principios mais que os do teu Compendio, ou da Arte de Felis Mendes, e, se muito, do teu Novo Methodo? Podem por ventura semelhantes Mestres desempenhar as suas obrigações?

Sempre clamei, disse o sabio Portuguez, em o Tribunal contra esta tolerancia de Professores inhabeis, sendo aliás excluidos muitos sujeitos de merecimento; porém a culpa....

Bem sabemos (disse Crates Mallotes, apressado para cortar o fio) bem sabemos aonde se dirigem as tuas queixas:{49} nós não queremos, que nenhum vivo diga, que os mortos tiveram a deshumanidade de lhe pôr a par de seu nome os seus defeitos. Os nossos discursos são sagrados tanto, como os dos Prégadores; por isso devem só ser dirigidos contra o erro em geral. Em todos os estados do mundo ha bom, e máu, e só algum idiota quando nos vir fallar contra o máu, he que poderá cuidar, que nós fallamos contra o bom. Pelo que, meu Nebrixa, ide percorrendo em primeiro lugar sobre os Professores de ler: que he negocio de grande ponderação.

Nebrixa, que estivera applicando o ouvido a tão justas expressões, continuou dizendo, de cem Professores de ler, se achardes hum capaz tendes feito huma descoberta, digna de avultadas alviças. Ide pelas escólas, e ouvireis desconcertados berros de rapazes: que não só vos farão chagas nas orelhas, mas até vos encherao da mais profunda melancolia.

Todos esses incómmodos, disse o Barbadinho,{50} se poderiam bem soffrer, se os moços dahi não sahisses gagos toda a vida.

Porque por certo quando estão a ler, nada differem de quem nasceu com a lingua travada: só alguma palavra deshonestá he que pronunciam expeditamente. He tão raro como mosca branca o que ensina os meninos a destinguir bem as syllabas, a pronunciar naturalmente as palavras, a respeitar pontos, e virgulas.

Se similhantes homens não sabem que coisa seja nem syllaba, disse todo agastado Marciano Capella, nem que coisa seja fallar, nem para que sirva a pontoação, como haõ de ensinar o que ignoram?

Pode acontecer, respondeu Lancelot, que qualquer saiba para si, e não para ensinar; porque são coisas bem differentes: e que acontecerá a quem ensina, sem saber nem o que, nem o como deve ensinar? Que acontecerá? respondeu Sciopio, encher o Publico de babosos, e pedantes; porque os erros da escola quasi sempre são incuraveis;^{51} e os melhores Professores de Latim, pondo todas as suas forças para os remediar, raras vezes o conseguem.

He huma dor de coração, proseguio Nebrixa, ver engenhos tão raros, que continuamente se vão perdendo por culpa de Professores de ler.

Ainda Antonio Nebrixa mal havia acabado a sua queixa, quando Remmio Palemaõ se levantou com toda a arrogancia, e disse: Porque não mandam similhantes homens guardar pórcos?

Ouvindo isto Terencio Varro, o qual havia sido insultado em Roma por aquelle mordaz, assim lhe respondeu: Fazes mais favor a esses homens, do que em outro tempo me fizeste, quando por toda a parte me andavas chamando o Porco das Letras, e queres que similhantes pedantes sejam porqueiros, em vez de os mandares comer farellos?

Todos gostaram muito daquella singeleza Romana, mas Antonio Nebrixa,^{52} que foi hum Hespanhol honrado, disse com toda a inteireza: Ainda não he tão mau, que haja quem ensine a ler; e aquelle que sabe, e executa a sua obrigação faz mais serviço ao

Publico do que se pensa lá no mundo: e bem vedes quanto estimamos estes poucos de quem nos prezamos muito de serem nossos companheiros, e a pena he virem para cá tão poucos deste calibre!

Então abaixaram a cabeça os Professores elogiados, e Crates Mallotes louvou muito o relator, que assim proseguio: Os Professores Regios de ler apenas tem salarios para o aluguel de casas; e por isso ou haõ de ser homens incapazes, ou haõ de procurar o sustento por outra via. Se se dessem os mesmos ordenados, e as mesmas honras aos Professores de ler, que se dão aos de Rhetorica, haveriam muitos eruditos que servissem ao Estado de boa mente, neste ramo: então se ensinaria a Grammatica da Lingua materna na escola, aprender-se-hia qualquer lingua com muita facilidade, e{53} não morreriam de trabalho os Professores de Latim em o ensino de gente bruta.

Tivessem elles dinheiro, disse Dionisio de Syragoça, que honra lhes dei eu, porque não me desprezei de ensinar meninos, depois de ter sido o que sabeis. Mas já que tendes fallado tanto na pedantaria dos Professores de ler de quem fui collega, dissei tambem alguma coisa dos de Latim para consolação da minha tristeza.

Tem havido optimos Professores de Latim, continuou Nebrixa, e ainda hoje os ha; porém para fallar com a sinceridade de defuncto, não me posso dispensar de dizer, que são muitos mais os idiotas. Depois que se deram Provisões de favor, isto he, sem se fazer rigoroso exame, ou depois que muitos entraram a ensinar sem faculdade alguma do Estado, então tambem começaram apparecer nuvens de falladores, que sendo huns Professores diminutivos, sem a mais leve tinctura nem de Logica, nem de Critica, andam feitos censores dos melhores livros,{54} por onde podiam aprender (a terem os conhecimentos que a lei delles requer) e vão surrando o entendimento da mocidade com os cartapacios defumados, que sem offensa de seus autores, deviam ser condemnados a embrulhar adubos.

He forte cegueira, disse Gaspar Sciopio, ver ainda hoje homens mais afferrados á opiniaõ dos livros por onde aprenderam, do que os Pythagoricos a de seu Mestre!

Mas esses pedantes, disse o Barbadinho, neste tempo escuro, em que mui poucos aprendem Latim, he que trazem mais algum estudante.

Esses Mestres, continuou Nebrixa, pela maior parte são particulares (reparai, Guliver, que não digo, *Todos*) e como o estudante traz a mezada em o fim do mez, he preciso fazer a boca doce aos pais; murmurar dos estudos Regios, e persuadir-lhes ser coisa menos decente mandar os filhos ás aulas dos pobres.

Pobres de juizo, disse Antonio Pereira todo agastado, pobres de juizo{55} são os que accreditam semelhantes novelleiros. Como se os estudos do Rei não fossem a honra de todos os vassallos? Ou como se fosse desprezo acompanhar com seus irmãos aquelle que tendo melhor fortuna, não tem outra natureza?

Ainda se servem, proseguio Nebrixa, de outro estratagemma mais sagaz, que he apregoarem, ou por si, ou por seus devotos, que as aulas Regias andam cheias de moços mal procedidos.

Este seculo, disse o Barbadinho, está cheio de corrupção, e como as aulas particulares, trazem alguns estudantes mais que as outras, tambem vos podeis persuadir, que trazem muito peor gente.

De casa, disse Quintiliano, já os moços trazem os máos costumes, nem he preciso que os venham buscar ás aulas.

Mas ainda dado, e não concedido, proseguio Nebrixa, que de casa venham innocentes; nem por isso he justo que a mocidade deixe de frequentar{56} as aulas Publicas. Os pais devem vigiar sobre a conducta, e companhias de seus filhos; mas tambem devem fazer a vista grossa a certas coisas, que não offendendo a virtude, he necessario que os rapazes em quanto são rapazes as pratiquem:

aliás em idade incompetente serão os piores homens, segundo a triste experiencia o tem mostrado.

Parece seria melhor, disse o Conde de Castel-Branco, ensinar em casa aos meninos os Estudos menores, para lhes evitar os laços, que a seus tenros annos o mundo costuma armar.

Nada, nada, respondeu Antonio Pereira, porque em idade maior he que se conhece o erro; por isso que ficam estupidos: engolem todas as petas, não prestam para a sociedade: a sua brutalidade os conduz para os vicios mais grosseiros; e ficam em tudo huns perfeitos Sardanapálos.

Bem: concluiu Nebrixa, hum tal encerramento, he mui bom para mulheres, para homens não tem jeito.^{57} Pouco vale clausurar os rapazes para evitar más companhias, em casa mesmo acharão quem os estrague: e oxalá fossem mentirolas estas nossas expressões! E deixai murmurar os pedantes, esses que ensinam a conhecer as sylabas pelos fôlegos; e que toda a sua sciencia consiste em afeiar, e corromper o verbo *arcabuzear*.

Acabando o Hespanhol de dizer isto, e entrando por algum tempo a engolir em secco, exclamou: Professores pedantes, Professores idiotas, tratai de outro officio; não augmenteis o charlatanismo com os desconcertos da vossa ignorancia. E tu ó mortal (virou-se para mim) muito bem tens ouvido os justos louvores, que aos benemeritos havemos dado.

Então todos lhe abaixaram profundamente a cabeça em signal de parabens; e elle se levantou, sahindo com a mesma cara com que principiára a sua commissão.^{58}

DIALOGO IV.

He tratado Sanches por Crates com toda a distinção: expõem elle a terceira causa da pedantaria: fica a beca de Guliver convertida em tres artes de Grammatica Latina: faz-se grande estimaçã da primeira: criticam-se as outras: vai-se Guliver successivamente convertendo em passaro: manda Crates Mallotes mostrar-lhe a ilha, &c.

JA Elio Antonio Nebrixa estava em o seu assento colhendo os bem merecidos applausos dos que estavam junto delle, quando Francisco Sanches Brocense hia com o seu passo grave, e magestoso, procurar o banco; mas Crates Mallotes, logo se levantou, cujo exemplo seguiu toda aquella multidaõ dos illustres defunctos: e assim erguido, clamou: Nada, nada: hoje has^{59} de ensinar de cadeira: nem he justo, que o Principe dos Grammaticos deixe de ter a maior distinção em a terra da verdade. Logo que elle isto disse, sahio coxiando para fóra, e rindo dizia: A Grammatica, que em Roma ensinei, era taõ coixa, como eu. Mas todavia se os Romanos de mim não houvessem recebido o exemplo, tambem não opporiam á Grecia tantos sabios.

Porém Sanches modesto recusava taõ distincta mercê, allegando para isso, que não só por haver sido o respeitavel velho Embaixador do Rei Attalo, que fartou Roma de pergaminho; mas tambem por ter alcançado a honra, e a gloria de primeiro Mestre do povo senhor do

mundo, por nenhum titulo devia ser dispensado de sahir de seu devido aposento.

Nem ter sido Embaixador, replicou Crates, nem ter sido o primeiro Mestre dos antigos Romanos, equivale a ter sido, como tu, o primeiro açoite da pedantaria, e do ranço de todos{60} os Grammaticos do universo. Eu aqui ficarei.

Dizendo isto puxou do escabello, que estava diante da cadeira, e pólo para o lado: e Sanches não teve remedio senão obedecer, subir, assentar-se: e todos fizeram o mesmo.

Hum pouco esteve Sanches, como quem estava reflectindo, depois do que voltando-se para Crates fez huma profunda venia; mas nem por isso deixou de significar a todos a sua civilidade. Eu tenho grande pena de vos não poder pintar ao vivo a delicadeza, graça, e energia da sua pronuncia, por isso só vos escreverei o seu arrazoado, cujo comêço he o seguinte.

Se os pais ás mãos ambas semeiam o pedantismo, e os Professores idiotas nas campinas da mocidade saccos cheios vão deitando: são sem dúvida os máos livros o celleiro infame, aonde tão pestifera semente está guardada. Os escritos impressos não tem numero; elles vão durando com as épocas futuras:{61} o bom e o máu nelles vai vivendo. Assim he que as fallas humanas duram, depois do homem não viver. E como já não he preciso o penoso trabalho de trasladar livros, como antigamente, eilos vulgares: e sendo poucos os que possam ser juizes da bondade, ou ruindade, que nelles houver, então adquirem apaixonados os que não são bons; e censores, os que o são. Por outra via ha homens ou tão ignorantes, ou tão fatuos, que julgam verdades eternas tudo o que está escripto em letra redonda. He por estas bem claras razões, que muitos sabios ainda não poderam decidir, se a arte Typografica tenha aproveitado mais ás Letras, ou se mais as tenha offendido.

He certo, disse Sciopio, que ella faz conservar escriptos, cuja memoria não devia existir: e quando muitos outros são funestos, não se póde dizer quanto seja huma multidão de livros didaticos, os

quaes não só corrompem o bom gosto, mas enchem os rapazes de mais ranço do{62} que que teria toucinho de cem annos ao fumeiro.

Em a Minerva, continuou Sanches, dei eu bem a conhecer os escriptores pedantes: he este livro bem vulgar; e o Memoravel Rei D. José lhe deu a devida estimaçaõ, mandou por hum Decreto, que nenhum Professor em Portugal deixasse de o ter, e de por elle explicar: porém isso durou pouco. Hoje ha lá muitos, que nem sabem, que ha similhante thesouro no mundo, nem tam pouco tem principios para o entenderem, e para se utilisarem.

Assim he, disse o P. Manoel Alvares, mui poucos fazem caso desse livro: e ainda agora ha quem transcreva as peiores coisas da minha arte reprovada por huma Lei, vendendo por seu o meu trabalho: julgando talvez o pódem fazer a seu salvo, por ninguem já saber o que eu escrevi.

Bem sei, que fallas, proseguio Brocense, em a arte das linguagens, que ha dias acabou de ser impressa: descança,{63} que logo lhe faremos a caridade; porque o seu autor não tem mais privilegios que muitos de vós a quem censurei, e nem por isso somos inimigos; antes a nossa amizade será taõ eterna, como nós havemos de ser.

A Critica, disse Jacob Peritonio, tem o character de hum juiz inteiro, que sentenciando as obras segundo o seu merecimento, deve sempre deixar illeso o seu autor.

Hoje enfastia muito, disse Antonio Felis, ver resuscitar os destemperos das Grammaticas velhas; se isto se fizesse, quando eu fiz a minha compilaçaõ, e Antonio Pereira as suas artes, seria digno de perdaõ; porque nos expozemos ás maiores calúmnias, como todos sabem, e as quaes muito nos vexariam, a não sermos protegidos pelo braço Real; e ainda assim não padecemos pouco.

Eu honrei Hespanha com as minhas obras, continuou Brocense, e a paga que recebi dos meus serviços, foi ver a Minerva condemnada ao pó{64} de bem poucas livrarias; a qual se fez taõ

rara, que sendo achada por Sciopio, a quiz reimprimir por sua, julgando haver-se inteiramente perdido a sua lembrança; mas ainda houve então quem restituisse ao meu nome a gloria, que se lhe hia a roubar.

Apenas assim fallou, todos olharam para Sciopio como enfadados; elle porém muito senhor de si, se desforrou, dizendo: Isso tudo he verdade; mas depois em todas as minhas obras Grammaticaes, me intitulei teu discipulo, nome que muito bem desempenhei, e ajudei a tua espada a dar os mais profundos golpes no cachaço dos pedantes.

Tivemos pelo meio deste seculo, disse Sanches consternado, homens grandes por amigos, pelos fins delle só conheço hum escriptor, que com as suas, e nossas opiniões honrará as provincias da Grammatica, sempre que por ellas corra, quem ahi não seja peregrino. Mas porque fallamos em os ultimos escriptores desta idade;^{65} faça-se justiça: vinde cá, Inglez.

Assim que me chamou, fui chegando a cadeira, e como elle fallou em Justiça, fiquei pouco satisfeito, cuidando já se sabe, que se me faria alguma execução á móda de Inglaterra. Já estes cuidados me ruíam o coração, quando veio da boca de Sanches hum repellaõ de vento, e me levou a béca de plumas. Então he que pensei, não tardaria, que a cabeça me voasse. Mas estes sustos se converteram em galhofa logo que ví a béca de pennas, tambem convertida em folhetos de papel; e a mim em trajes de marujo, como d'antes.

Com esses vestidos, disse-me Crates Mallotes todo risonho, podeste tu vir do mundo; mas com outros has de tornar.

Eu estava com olho de punho para os folhetos, a ver aonde fosse o caso dar comsigo; então chegou hum contino, que bem conheci ser hum Grammatico mui pedante, o qual em Londres ficava, quando de lá sahi.^{66} Pegou pois este criado em os cadernos, e pregou-os na parede. Veio outro, e com toda a humildade (do que me admirei por ter sido Francez, e deixar de ser arrogante) e metteu na mão de Brocense hum ponteiro de barba de balêa; mas o cabo

era de ouro massiço, em que estavam esculpidos tres escriptores Portuguezes: os quaes ficaram fechados em a mão do Hespanhol, cujos nomes não tive licença de declarar em esta Historia; mas os escriptos, que são do direito publico, não tiveram a mesma prohibiçaõ: e confesso-vos, que nesta parte escrevo constrangido, e callo muitas coisas, que reporei, a quem me pedir contas, ajuntando outros appensos, que Crates Mallotes, do outro mundo me promette.

Mas tornando ao proposito, estendeu Sanches o seu ponteiro para a parede, e entaõ ví em correnteza tres artes de Grammatica: Lê esse primeiro titulo, disse; entaõ li alto, e em voz clara *Novo Epitome de Grammatica Latina Moderna, ou Verdadeiro Methodo de ensinar Latim a hum Principiante.... Lisboa.... Anno de 1795.*{67}

Não appareceu ainda, continuou, hum livro mais bello para ensino da mocidade, nem que seja mais accommodado para ser explicado conforme as determinações do grande D. José I.

Vê estes Nominativos, estes Generos como estão taõ bem ordenados. Estas Linguagens, expostas em taboas synopticas: como debaixo de hum ponto de vista obriga o menino a firmar a sua memoria? Estas *raizes* de formaçaõ! Estes *preteritos*! Quem até agora fez huma Syntaxe como esta? Quem melhor Prosodia? Como he em tudo coherente! E estas *notas* não fazem por ventura hum systema completo?

Tem boa duvida, disse o Barbadinho, e o que mais admiro além das novidades, que escaparam ao teu engenho, he a brevidade e clareza, com que ensina o que outros não poderiam em bem gordos volumes.{68}

Esse moço, disse Antonio Pereira, tem dedo para isso, e ainda o vereis dar á sua patria signaes de bom filho.

Mas ha Professores, replicou Vocio, que dizem ser esse livro muito bom para Mestres; mas que não presta para rapazes, pela ordem Filosofica com que foi tecido. E que dizeis a esta? Digo,

respondeu Sanches, que he para rapazes, mas para rapazes, que não tenham a desfortuna de serem discipulos de semelhantes Mestres. Como se Filosofia não fosse a recta razão, ou se sem ella possa haver bom escriptor, ou bom Mestre?

Eu pasmo, disse o Barbadinho de ver tanto charlataõ; cuidei, com as minhas Cartas, ou com a Introducção Historica, e Critica, tinha curado a loucura dos Pythagoricos: agora vejo, não fiz nada. Acaso não he para rapazes huma arte, que ensina sem confusão a hum principiante, a hum adiantado, a hum Mestre? Huma obra que tem tudo em seu lugar? Em que concorda^{69} o principio com o meio, e o meio com o fim?

Esses homens, disse Palemaõ, eram bons para Mestres de papagaios; e fazia huma grande caridade quem os mandasse para o Certo, dirigir pretos.

Parece-me, disse Lithocómo, que o autor desta arte errou em lhe chamar Epitome; porque sendo huma obra completa, devia-lhe chamar Flagello do ranço Grammatical do fim do XVIII. seculo: e são homens de má cabeça os que desdanham de livro tão bello.

Acabava Ludolfo Lithocómo tão douda reflexão, quando João Garcia exclamou: Mil parabens á Nação Hespanhola, que ainda tem filhos, que deram prúvas do seu bom gosto na versão desta arte, datada em Madrid em 1797.

O discipulo digno de Sanches (continuou elle mesmo) consola a tua paciencia com estes elogios, até que a Ignorancia invejosa não morda o teu serviço com seus dentes carunchosos.^{70} Quando para aqui vieres serás carregado de louvores; porque a Inveja mordaz em os bons defunctos não acha que roer.

Aqui se levantou João de Barros, exclamando: Quem não vê o serviço que eu fiz aos Portuguezes? Eu escrevi os seus illustres feitos, que fizeram pasmar a todos os povos do mundo, e o fructo que em meus dias entrou em meus celeiros, foram tão descomedidas, como escandalosas censuras; ha muito porém, que

depois da minha morte sou chamado o Livio Portuguese, o Mestre do patrio idioma.

A melhor satisfação, disse o P. Buffier, que o bom escriptor possui em sua vida he a consciencia do louvor, que não póde ser affogada nem pelo mais basto oceano de calumnias.

Já tudo estava em o mais profundo silencio, e Sanches medindo com os olhos inquietos todo aquelle livro: mostrando com o continuo movimento da cabeça quanto delle gostava, até^{71} que depois de hum largo intervallo, com os beiços alguma coisa sobrepostos, fez-lhe huma profunda inclinação: e logo com o seu ponteiro, o qual em o tempo da sua revisação estivera voltado para o hombro direito, bateu na dita arte, a qual desapareceu.

Mas qual não foi a minha admiração quando me vi convertido em hum guapo passaro, desde a cabeça até o embigo? Não ha nem oiro, nem pedras preciosas no mundo, com que possa comparar a formosura das minhas pennas. Então me lembrou que o ponteiro de Sanches era mais milagroso que a vara de Mercurio. Por certo, dizia eu comigo, que os mortos são mais habilidosos, que os vivos.

Quando eu corria veloz por estas, e outras muitas cogitações, e me estava namorando, qual outro Narciso, já o amigo Sanches estava a contas com a segunda arte, cujo titulo era *Novo Compendio da Grammatica Latina, &c. Coimbra.... Anno de 1796*. Como insulta, dizia, nesse arrogante Prologo a todos os Grammaticos! Como^{72} se vale de Despauterio! Mas quede a sua Grammatica Filosófica, que promette? Aquella Grammatica Filosofica desconhecida até agora?

Ella ahi está em pouco mais de meia folha de papel, respondeu Condillac, vê como desfigurou a minha doutrina! Quantas idéas intermedias não ficam ahi cortadas?

Essa Grammatica Filosófica, disse Gaspar Sciopio, he bem semelhante ás escadas de hum edificio, apartadas sete braças

humas das outras. Donde nem as pernas de hum gigante as pódem alcançar; e muito menos as de hum rapaz, que são mui curtas.

Toda a Etymologia Latina, e Prosodia, continuou Sanches, bem vedes, serem quasi formaes de Antonio Fereira, com algumas coisas de outros autores.

Sim, disse o Barbadinho, alguns exemplos tem seus; corta, e accrescenta algumas poucas coisas, e outras as muda: porem de ordinario he infeliz, como se vê no incremento em A.^{73}

Em a Syntaxe, proseguio Brocense, em que se conhece quanto vale hum escriptor deste genero, nem vejo novidade, nem methodo algum. Ora quem póde soffrer estas incoherencias?

Huma Grammatica em tudo perfeita, disse o Barbadinho, he coisa mais difficultosa de encontrar, do que agulha em palheiro; os sabios ainda hoje suspiram por ella.

Eu concedo, disse o P. Antonio Rodrigues Dantas, que até hoje ninguem tem escripto sem defeito, e que he optimo o livro, que tem mui poucos erros. Mas não posso tolerar, o ver gritar com Despauterio contra todas as Grammaticas, e reprehender-se neste ponto não só a Portugal, mas tambem a toda a Europa; e dizer-se claramente ser esse o motivo de Sahir ao mundo aquelle grande parto.

Eu gritava, confessou lisamente Despauterio, porque não via a trava no meu olho: esse moderno todavia faz bem justas as minhas queixas,^{74} com a inutilidade de seus escriptos.

Quem tanto de si presume, disse Sanches agastado, devia satisfazer ás suas promessas, e não imitar ao monte, que depois de tantos brados pario o que eu tenho vergonha de dizer.

Hum rato sem pello, disse Palemaõ, foi o grande parto que se esperava, o qual fez arrebentar de riso aos que deraõ attençaõ aos seus gritos, e nelles se fiáraõ.

Ainda fallava este mordaz, senão quando Brocense, mostrando em seu semblante huma indisivel desplicencia, bateu naquelles escriptos, que logo fugiram. Então fiquei desde o embigo até ao pé direito carregado de pennas cor de papel pardo. Já pois para ser passaro completo, me não faltava mais, que o lado esquerdo desde aquelle ponto, que já disse.

Entre tanto que eu observava a differença das minhas pennas, clamou Sanches enfurecido. He possivel, que no fim do XVIII. seculo apparecesse{75} no mundo huma arte como esta?

Então virei o bico para a parede, e lí o frontispicio da ultima arte, o qual era *Novo Methodo de Grammatica Latina &c... Lisboa... Anno de 1799*. Mas ninguem repare de ver hum passaro a ler; porque eu era passaro feito no outro mundo.

Mal acabei de ler o titulo, e o Hespanhol, trazendo o ponteiro em hum redupio, clamava: Vê, vê as incoherencias dessa Etymologia. Vê aqui como esta *Hic, haec, hoc*, feito particula, contra o que se diz alli em o número das partes da oração. Forte miscilania! E que vos parecem essas linguagens eternas? Por ventura poderá hum rapaz decoralas em dez annos?

Na verdade, continuou Sanches, estes Infinitos estam bem fartos de embrulhos. E a pezar de terem o Portuguez do Indicativo, ainda lhes falta o do Conjunctivo; e quem gosta de tanta selada, quanto não gostaria{76} de ter noticia de mais estas alfaces?

Assim como, disse o Barbadinho este escriptor saccou com a repetição sómente de certas letras finaes as Raizes de formação do Novo Epitome, e desfigurou outras coisas; porque não leu aquella interessante Nota de Syntaxe, aonde absolve os rapazes destas sempiternas perlengas?

Tudo he huma palhada, disse Manoel Alvares; se essas linguagens tivessem o *Já então*, o *oxalá*, e o *cum*, nenhuma differença tinham das minhas, senão o serem ainda mais extensas.

Essa arte, disse Sciopio, com mais justiça merecia ser queimada, do que foi a tua; porque se foste máu Grammatico, ninguém te póde roubar a gloria de teres sido optimo Latino. Os teus versos não invejam aos melhores da idade de Augusto: mas de Grammatica foste hum verdugo, como se próva claramente nas Instrucções de 1759. Tambem o teu^{77} Mercurio, disse Alvares, não foi quem abriu os olhos aos mortaes.

Isto picou tanto a Sciopio, que entrou com a sua mordacidade a altercar tão descomedidamente, que já a favor de Manoel Alvares se vinha chegando Prisciano, para rebater aquelles dicterios. Então o sabio Presidente em tom magistral, assim fallou: Nada de calúmnias; Manoel Alvares para o tempo em que viveu merece desculpa, seguiu aos que lhe precederam, como as ovelhas ao carneiro do chocalho. Mas no fim do chamado seculo das luzes apparecer huma arte como esta, depois de tantos livros excellentes? porém não percamos mais o nosso trabalho.

Logo que assim acabou, sem querer ver mais nada olhou carrancudo para aquelles folhetos, e elles como settas me ficaram cravados pelo lado esquerdo, pennas, já se sabe, cor de mechas.

Assim he que me fui aos poucos convertendo em passaro na ilha dos Mortos. Sanches desceu da Cadeira,^{78} praticou com os outros relatores. E todos diziam: Viva Crates Mallotes, viva, que campou na escolha que fez. Porém reparei, que Despauterio não gostára da galhófa.

Acabados estes cumprimentos sahiram todos, e eu feito passaro entre elles, com o meu rabo de rastros, tão comprido como as linguagens do Novo Methodo. Porém, como não perdi a falla, agradei muito ao Embaixador do Rei Attalo, o divertimento que me deu. E certamente nunca vi opera tão gostosa; porque sem duvida deixarei todos os gostos do mundo de boa mente, quando se me offereça semelhante fortuna: e ainda espero de lá tornar.

Mas como hia dizendo: já estava desconfiado de tornar a Inglaterra; Crates porém, que era mui esperto, e mui politico,

conhecendo a minha desconfiança, disse a Sanches: Mostrai a esse hospede as coisas mais notaveis da nossa ilha, para ir o mais breve para sua casa. E tu, amigo Gúliwer,{79} desculpa, não te poder acompanhar, bem vês, que hum coixo não póde andar depressa; porém o respeitavel Teive irá em meu lugar. Ide; eu não tardarei muito em ser convosco; lá nos veremos no mirante de Carlos Magno.{80}

DIALOGO V.

Necessidade da obediencia: elogios da nação Portuguesa: utilidades da Agricultura: quanto foi apreciada pelos antigos Portuguezes: castigos dos pedantes na ilha dos Mortos: chegada de Crates Mallotes, para me persuadir a ser Grammatico, &c.

LOgo que Crates Mallotes mandou os seus subditos, nada se demoráram, e eu não pude também fazer outra despedida, que voltar o rabo para o ar, e o bico para o chão, e fazer-me de volta com tão respeitaveis companheiros. Accusava-vos todavia de sahirem tão apressados, que me não deixaram fazer os devidos cumprimentos, ao menos a todos os que haviam fallado no Congresso, de quem tinha eu recebido tão altas mercês; porque^{81} a toda a multidão era impossivel.

Comprimentaste a todos, disse Sanches, sem nicas, nem fingimentos dos Politicos mundanos. A obediencia he o eixo da carroça social, por falta deste dever he que ninguem hoje póde viver no mundo. A nossa sociedade compoem-se de sabios que sabem muito bem a sua obrigação, sem o conselho dos quaes nenhuma póde ser bem dirigida. O nosso velho mandou, governa, obedecemos.

Os sabios! disse Diogo de Teive com hum grande suspiro: A pedantaria!... Mas foi Deos, Gúliwer, o que te fez aqui arribar: para

remedio de muitos abusos literarios da minha nação, que a pedantaria das outras não me importa. Has de achar ahi, dizia elle, has de achar, quem te ajude em este grande serviço. Já Portugal estava com seu rosto coberto de luzes, quando outros povos estavam sepultados em as mais escuras trevas da ignorancia. Não ha no mundo quem tenha melhor legislação; os nossos Monarcas^{82} são Senhores no nome, e na Magestade; pais no procedimento: has de achar hum Principe Religioso, Pio, moderado, amigo de Deos, e dos homens; hum Principe, como Tito, que chora o dia em que não póde fazer mercê: que está immovel aos conselhos menos piedosos: e que não quer tirar o pão aos servos do Sanctuario, para sustentar o odio, que a pedantaria do tempo tem aos altares.

Na verdade, disse Sanches, nenhuma nação da Europa tem tido melhores Reis, e por isso nunca outros tiveram iguaes vassallos.

Tem boa dúvida, disse Diogo de Teive, os Portuguezes podem-se chamar melhor filhos, que vassallos dos seus Soberanos, pela fedilidade, e amor com que todo o povo os serve.

Para que estais com isso? replicou Sanches, toda a nação Portuguesa se tem distinguido em tudo das mais. Quem tem tido melhores Reis? quem melhores vassallos? Quem melhores letrados? Quem melhores soldados?^{83}

E quem, continuou Teive, hum João das Regras? hum Camões? hum Barros? hum Heitor Pinto, gloria dos Frades de Belém, honra de Portugal?

Então foi desenvolvendo a Historia de todos os Reis de Portugal, os sabios de todas as épocas: acções que pareciam fabulas: guerreiros: proezas até das proprias mulheres. O que tudo vos deixo de contar não tanto por se não engrossar o volume, como para economia da bolsa de meus apaixonados. Além de que tudo achareis em as Historias daquela nação, ainda que os mortos sabiam o que ellas vos não contam.

Já Teive entrava a elogiar muitos dos vivos, sem todavia proferir os nomes de cada hum, até que todo inflammado disse: Será mais facil acabar toda a geraçaõ Portugueza, do que apossar-se della o inimigo.

O que são os Portuguezes, disse Sanches, ainda neste tempo dos chás, e dos caffés, em o Rossilhaõ, e em Napoles muito bem se conheceu.{84}

Em quanto eu hia caminhando entre os dois amigos, ouvindo attentamente os elogios dos Portuguezes, que muito me deleitáram os ouvidos: tambem hia desfructando com os olhos a linda prespectiva não só de verdes seáras, mas tambem de vistosas arvores, carregadas de bellas fructas, assim como risonhos prados: muitas vinhas; olivae &c. ví muitos carreiros, almocreves: muitos homens a assar castanhas, outros a pôr hortalica, outros em fim a semear batatas. Estava na verdade ancioso por saber que gente fosse aquella: e ainda mais fiquei, quando vi outros a esfolar mosquitos: e muitissimos á caça de moscas.

Já com difficuldade me podia ter; porem Teive que previo a minha curiosidade, disse-me: Bem sei que estás admirado do que vês: por isso debes saber, que não pódem aqui morar senaõ Grammaticos, e Professores de ler, e á medida do seu pedantismo se lhes dá cá occupação competente: Lavradores somos nós todos: os charlatães{85} tem differentes ministerios, ou almocreves, ou carreiros, &c. os delicados assam castanhas: os negligentes caçam moscas: os que deixam de exprimir os seus pensamentos, porque não acham em Cicero palavras para isso, estão se cançando a tirar a pelle aos mosquitos. Mas como não gostamos de gente ociosa todos nas occasiões vão trabalhar em Agricultura.

Se lá no mundo, disse Sanches, mandassem cultivar a terra a homens inhabeis para as letras (não deixando em silencio aquelles infinitos estudantes de Mathematica, que nem sabem ler) nem mortificariam a seus Mestres, nem faltaria pão.

Assim como em meu tempo, disse Teive, em que a Agricultura era tão estimada: então não era preciso vir trigo de fóra, antes havia muito para vender, e quando era cáro não passava o alqueire do preço de trinta réis. Oh! Felizes tempos, em que haviam sabios, haviam soldados, havia de comer!

E não haviam, disse Sanches, casquilhos^{86} sem religião, a medirem as verdades Positivas a compasso: feitos Juristas, e Theologos abstractos.

Estas, e outras coisas diziam, e tinhamos já bastante caminhado; porém nunca me custou tão pouco o andar. Eu bem podia voar; todavia por decencia hia a pé. Cada vez mais campinas cultivadas hia descobrindo, até que chegámos a hum oiteiro carregado de tójos, e de cardos, por onde pastava huma grande manada de jumentos, guardados por infinitos homens. Estes são os Professores de ler, disse Teive, que no mundo só ensináram os meninos a gaguejar, e que foram a causa de nunca poderem avançar ao estudo das sciencias. Não foram como os que viste em o congresso, os quaes aproveitáram mais ás suas respectivas nações, do que muitos Rhétóricos, e Filósofos.

A literatura, disse Sanches, he a base das sciencias, e quem poderá ser sabio, sem que saiba ler?

Resolvi-me pois, a fazer minhas^{87} perguntas; mas sempre commedidas para não me portar, como tolo. Abrí o bico, dizendo: Aonde estão aquelles defunctos, que nem foram Grammaticos, nem Professores de ler?

Além daquelle rio caudaloso (respondeu Sanches, apontando com o dedo) ha muitas ilhas, e cada qual tem a sua jerarquia; porém se algum foi Mestre, ou escriptor de Grammatica, ou Professor de primeiras letras, ainda que tambem fosse Rhétórico, Filósofo, Theólogo, ou General, &c. faz-nos então o favor de vir para aqui.

Em quanto Sanches me satisfazia, puxou Teive de huma luneta, e olhando para além do rio, entrou a rir como hum perdido.

Aqui me obrigou a fazer segunda pergunta; porque em semelhantes occasiões tem muita desculpa a curiosidade.

Naõ ha coisa mais galante, respondeu, lá está Pythágoras, com a escudélla de Diógenes entre pernas,{88} comendo favas, como o lobo carne de borrego.

No mundo, disse Sanches, não houve quem mais asco lhes tivesse, e agora está capaz de engolir a mesma escudélla. Ora o certo he, que se entre os Grammaticos ha pedantes, muitos mais achareis entre os Filósofos.

Já haviamos passado as fraldas de huma montanha de mais de tres legoas de altura: quando ví os seus lados cobertos de bois, cabras, ovelhas: de maneira que não avistava palmo de terra; e muito tempo estive persuadido, que os pegureiros eraõ pedras cor de musgo. Mas a poucos passos ví em o cume do monte hum mirante de tal grandeza, e magestade, que a pobreza de minha penna não o póde debuxar. Basta dizer, que a sua escadaria principiava desde seis milhas, e era de tal architectura, que me parecia ir correndo por huma eira.

Ainda Sanches hia batendo nos Filósofos pedantes, dizendo raios{89} contra Voltaire, e contra outros impios: senão quando ahi chega Crates Mallotes em huma cadeirinha, trazida aos hombros de dois mariólas, vestidos com saiaes até o joelho de pelles de bóde côr de cinza. Tenho vergonha de dizer a nação a quem pertenciam: Portuguezes não eram, o que digo por descargo de minha consciencia; pois que Sanches me disse, serem taõ respeitados naquella ilha os Portuguezes, que até os mesmos pedantes eram muito favorecidos.

Para que saibas, disse o meu Velho, para que saibas quanto te estimo; e para que agradecido a esta boa hospedagem, venhas em outro tempo para a nossa companhia, he que venho estar contigo até que daqui te safes.

Dizendo isto sahio pela cadeirinha fóra, e fomo-nos sentar bem perto da entrada do mirante.

Fez varias perguntas, entre outras, que me tinha parecido a sua ilha? E tambem me disse a razãõ{90} de não haver nella jardim, nem coitada: e por fim levantou-se, e bateu a pórtã do mirante, que logo se abriu; e o que se passou, logo o vereis: e espero que muito vos divirta, e que nada menos vos aproveite.{91}

DIALOGO VI.

Idéa da grandeza do mirante de Carlos Magno: este, e Cesar recebem com muita alegria a Crates Mallotes: Gúliwer he tratado muito humanamente: ultimas desgraças da pedantaria: remedio para ellas: chegam muitos Grammaticos para pedirem a Gúliwer, que escreva Grammatica Filosófica da lingua Portuguesa: como este fica no ar sem ver coisa alguma &c.

Assim que se abriu aquella porta appareceu huma escadaria tão alta, que logo me lembrei da torre de Babel. Fui saltando por ahi a cima atraz de todos; porque o velho se servio dos dois, como de moletas; não pela razaõ da sua muita idade; mas por aquella, que vos não esquecerá, se me lestes com a devida attenção. Não me custou^{92} tanto toda a comprida jornada, como a subir (posto que hia de vagar) por as escadas a cima; pois que as pernas por serem curtas me obrigavam a saltar violentamente. Deste modo hia eu tirando forças da fraqueza; mas nem por isso quiz voar: segundo o proposito, que havia formado. Com tudo muito estimaria que Crates Mallotes sobre isto desfizesse a minha teima com preceito de obediencia. Elle porém gemia como huma mulher na occasiaõ do parto. Em fim, nestes apertos chegámos a todo cima a hum grande pateo; e parando hum pouco para se moderar a respiraçaõ, virou-se Crates para mim com o semblante cheio de alegria, e disse: Estás chegado a fallar com as personagens que em os antigos seculos

mais no mundo florecêram: ellas te darão lições bem gostosas para a curiosidade portugueza.

Dito isto, fomos entrando por falas, e mais falas, até chegar a huma espantosa, e soberba varanda. Sim, disse Crates, has de levar lições de{93} grandes e illustres heróes: aqui não ha nem aduladores, nem tractantes, que sejam capazes de os enganar.

Ainda elle fallava, senão quando vejo Carlos Magno em o meio de Cesar; e Cataõ, e Lelio á ilharga algum tanto apartado, e outros muitos em pé: Mas avistando aquelles quatro insignes varões ao velho Crates, foraõ tantos os festejos, os cumprimentos, as alegrias, os abraços, as galhófas, os ditos engraçados, que bem podia fazer divisaõ deste ultimo *Dialogo*, se vos pertendesse chupar dinheiro com palavras sem proveito.

Em quanto pois se passavam estes sinceros, e innocentes festins, perguntei a Sanches (que já me havia dito, quem fossem os quatro) se os outros eram os Grammaticos antiquissimos, pertencentes aos do susurro, que tinhamos ouvido, quando estiveramos em o congresso?

Que tu quizeres! respondeu, esses são bichos cor da noite, aos quaes{94} ninguém atégora vio: são os habitantes das trévas.

Os Senhores são Cortezãos (disse-me Diogo de Teive) e os unicos, que não havendo sido lá no mundo nem Grammaticos, nem Professores de ler, por privilegio, e merecimentos do Imperador, vieram para aqui. Tem sim bons salarios; mas nunca diante delle se devem assentar; porque só nós o podemos fazer.

Por isso, disse eu em segredo apontando com o bico para a orelha de Teive, por isso lhes vejo as pernas bem inchadas; mas agrada-me muito o seu sério.

Aqui estão callados, tornou o Portuguez, mas fóra da vista de Carlos Magno ninguém os póde aturar: tudo pisariam, senão fossem

bem conhecidos por elle, que os sabe bem domar: e assim todos vivemos huma maravilha.

Já se haviam em fim acabado os cumprimentos, e os Imperadores se foram sentar, e depois os outros cinco. Eu, como por ser passaro estava{95} dispensado de fazer o mesmo, cheguei-me para aquelles, que tinham a mesma dispensa, posto que por differentes motivos. Elles me trataram com muito carinho: e para não ser ingrato, digo, disse, e sempre direi, que em aquella ilha recebi obsequios até dos esfoladores de mosquitos, e dos caçadores de moscas.

Estando eu feito Cortezaõ, como acabo de significar, sem merecimento algum, e cuidando por isso, não se faria caso de mim, logo fiquei sem estes escrúpulos: porque vendo Carlos Magno a minha submissão, e o quanto eu conhecia a mercê, que me tinham feito em me admittirem com tanta benignidade ás suas lições, e á sua companhia, disse em tom sério, brando, e affavel: Es passaro, não ha duvida; mas passaro feito pelo nosso dedo. O que tens foi-te dado; porque o merecias. Não és como essas infinitas gralhas, que se andam enfeitando descaradamente lá na terra com plumas, que furtam ás aves mais formosas, e mais estimaveis.{96}

Sim, disse Cesar, mas de ordinario, não se sabem armar com ellas, e expõem-se ao risco de serem depennadas.

Como as pennas, disse Cataõ, saõ bens de raiz, tambem as aves roubadas poucas vezes demandam as ladras, que pouco a pouco vão perdendo o furtado.

Senaõ demandam, disse Crates Mallotes, queixam-se pelo menos, como não ha muito fez o nosso Condillac á vista desse Inglez.

Ora pois, disse-me Carlos Magno, vinde para aqui. Entaõ fui-me chegando com a cauda de rojos feito viuva, despedindo-me dos Cortezãos á Ingleza, isto he, sem cumprimentos, nem ceremonias, por ser indecente, que eu em semelhante occasiaõ, me dilatasse com elles.

Chegado que fui ao pé do illustre Heróe, já Cataõ se havia levantado, e estava fazendo pontaria com hum telescopio, incomparavelmente mais comprido, que o de Galilei de Galileos. Teria pelo menos trinta covados^{97} de comprimento: estava em cima de huma especie de carreta, que tinha suas escadas, para poder ver cada qual, segundo sua estatura.

Ajustada a mira do instrumento, veio-se Cataõ assentar. Entaõ Carlos Magno arrancando de seu piedoso coração hum grande, e magoado suspiro: Sóbe, disse, verás por alli (apontava para o telescopio) por alli, pedantarias já dignas de riso; já dignas de lágrimas. E vós Sanches, ide estar bem, ao pé deste estrangeiro.

Dito isto trepei pelas escadas até o ultimo degráu, pela razão da minha estatura, que entaõ pouco maior seria, que a de perú: o rabo sim era tamanho, e taõ monstruoso, como as *Linguagens* que em elle foram convertidas. Sanches porém, que não havia padecido, como eu nenhuma metamorphose, ficou em pé sete escadas abaixo, e com a sua cabeça a par da minha. Virei pois o olho esquerdo para a boca daquella grande maquina, e o bico para a banda; mas dei a volta com elle voltado para o ar, a fim de^{98} não molestar a cára do Hespanhol, companheiro, amigo, &c. Os circunstantes gostáram do meu procedimento, riram he verde, todavia com aquella moderação de gente bem educada. Eu confesso, que estive hum pouco confuso. Ora eu já tinha reparado ser desmarcado o meu bico; porém entaõ he que conheci ser sessenta vezes maior que o da cegonha. Nascia a minha admiração de ter sido feito de huma arte taõ breve, como o Novo Epitome. Já me não embaraçava olhar para outras partes senaõ com ambos os olhos para o meu bico.

Assim me estava demorando com estas bagatellas, quando Sanches me disse: Não te maravilhes, tudo isso he preciso para dares as mais valentes picadas no charlatanismo deste seculo. Observa o que vai pela Europa.

Entaõ vi casas do tamanho de bocetas, ruas, chafarizes, proporcionados, e logo infinitos ratos, devorando-se huns aos

outros. As mortes ferviam: tudo era huma confusão. Em quanto isto se passava, sahiam arrãs{99} de diferentes lagos; entráram logo a formárem-se em esquadrões: os seus escudos eram conchas de amejoas, as armas juncos mui agudos. Assim invadiram os campos, pertencentes aos ratos, estes moderaram algum tanto o odio intestino; muitos porém se misturáram com ellas; as quaes já hiam ganhando castellos: e alvoravaõ suas bandeiras. Mas os ratos logo se uniram quasi todos, levavam escudos de cascas de nozes, e as armas eram folhas de trigo candial. Affugentáram as arrãs, e fizeram-se senhores de muitas das suas ribeiras.

Assim acabou aquella invasaõ. Depois ví alguns ratos ás costas das arrãs, que nadavam pelos lagos, e dahi a pouco vi muitos delles affogados pelas margens. Vieram outros com forcados ás costas: entaõ muitas arrãs fizeram paz com elles, segundo me pareceu, outras ficaram sós em campo: padeceram muitas derrotas: perderam muito das suas ribeiras. Tambem os ratos tractaram mal a muitas das que haviam deixado a liga, roubando, e{100} comendo os seus viveres, e occupando o seu terreno. Em quanto isto observei, vieram infinitos cágados, ajudaram tanto as arrãs, que já hiam recuperando muito do perdido. Muitos ratos fugiam pelas montanhas, com juncos espetados pelos olhos. As arrãs mortas eram sem numero; os ratos sem conto.

Muito tens visto, disse Carlos Magno, e queira Deos vejas estas revoltas socegadas. Vê, como os ratos tudo querem roer; e depois querem que as arrãs sejam animaes silvestres, como elles.

Eu estava pasmado, e ainda hoje trabalho por decifrar todo aquelle enigma, e canço-me debalde. Tambem vi batalhas navaes, em que as arrãs obraram maravilhas.

Se estas, disse Cataõ, não derem cabo destes ratos enfurecidos, a mim me mellem.

Crates Mallotes, queria se me explicasse aquessa visaõ; porém Carlos Magno disse: vamos ao que importa, venha Gúliwer para aqui.{101}

Então fui logo pelas escadas abaixo para junto do Imperador, o qual assim continuou. Nunca o mundo esteve tão cheio de traidores, e de malvados como hoje: Por aquelle telescopio sabemos tudo; o qual alli da parte direita tem certo canudo por onde tudo ouvimos. Quizemos divertir-te com esses ridiculos objectos: cuja explicação alguém acharás entre os vivos, que bem a possa desenvolver. Só vos dizemos, que a falta de Religião, de temor de Deos, assim como o orgulho, e o egoismo deste tempo, são as causas das desgraças, que com lagrimas nos olhos os bons mortaes em a patria vos contaraõ.

Sim, disse Cataõ, este seculo tem produzido mais impios, e mais Atheos, que gafanhotos o estio. Os pais de familia, e a falta de vigilancia publica sobre a educação da mocidade, tem causado muitos prejuizos á sociedade humana.

Cuidei, disse eu, que isso só serviria de augmentar o pedantismo, e{102} nada mais. A pedantaria, respondeu Cataõ, he prima mui chegada do desatino. Todas as causas della, tambem o são dos males mais funestos.

Quando isto ouvi, lembrei-me logo da expressão de Aurelio Opilio, quando disse, que as revoltas do mundo deviam ser attribuidas á ignorancia: o que Teive havia provado com argumentos, que não tinham resposta.

Os pais de familia, disse Lelio, com a sua má educação, os Mestres prevaricadores, os livros impios, tem feito em o mundo estragos mais terriveis, do que peste em cem annos.

Tudo isto, disse Cataõ ainda tem remedio, os pais que não ensinam aos filhos o temor de Deos, a doutrina da sua religião, a obediencia aos seus Soberanos, e superiores, sejam castigados: os Mestres que não mostram interesse na conservação das leis da sua patria, sejam apartados do ensino público, e particular: os livros{103} impios sejam não só prohibidos, mas até queimados; porque o seu pedantismo he mui prejudicial.

Eu com dificuldade podia ouvir estas coisas: todo o meu desejo se encaminhava a que se me explicasse aquella célebre visão: por isso perguntei: Que quer dizer aquella loucura dos ratos, e das arrãs?

Naõ sejais teimoso, respondeu Crates, sorrindo-se; todas estas reflexões dahi nascêram. Ouvi a Cataõ, que he bello para isto. A vossa curiosidade he por certo innocente, mas de nenhuma maneira vos he util.

Como ouvi fallar em a inutilidade do meu appetite, deitei-o para fóra, e inclinei o ouvido para Cataõ, que assim discorria: Hum homem sabio, que tem lido as Historias do mundo, e de cujo coração o diabo ainda não tomára posse, conhece muito bem, que tudo está perdido, huma vez, que se quebrem os antigos eixos de qualquer governo: ou seja por meio de planos, aparentemente bons: ou interesses imaginarios, ou titulos^{104} de liberdade. E o peor he que o fogo desta funebre pedantaria passa de ordinario muito além das barreiras, dentro das quaes se accendeu; pois que he infinita a ignorancia, que lhe serve de lenha, e a si de ruina.

Sem sahir de Roma, disse Cesar, temos as mais concludentes provas dessa verdade. Quando Bruto, o maior fanatico, que a antiguidade conheceu, com o pretexto virtuoso de vingar huma adúltera suicida, todo o rude povo amotinára, não foi só o Imperio quem padeceu os funestos effeitos daquella republicana, e pedantesca novidade.

Ouvindo isto o mordaz Cataõ, o qual havia sido o capataz dos Republicanos, torceu o nariz, e fazendo uma carantonha, como de quem sentio fedorentissimos vapores; assim retrucou a Cesar: Mas tu pouco menos de cinco seculos, depois daquelle delirio pedantesco: já quando todos amavam as leis, e os costumes de Republica tão antiga, foste de Roma^{105} regar os campos de Farsalia de Romano, e barbaro sangue. Hespanha sentio tambem os malvados golpes da tua furiosa espada.

Toda a paga do meu delirio, disse Cesar, foram vinte e tres punhaladas, que recebi de quem a vida muito devêra desejar-me. Mas tambem o sedicioso Bruto em o mesmo anno de seu Consulado alcançou a recompensa da sua perfidia. Eu perdoei aos Cidadãos, que foram meus inimigos: mandei aos meus soldados metter a espada na bainha. Podéra muito bem não dar vida a algum. Porém todo o meu fim era restituir á patria o antigo, e bom governo da sua creação; porque sempre me pareceu pessimo o guizado da panella por muitos mexida.

Mas não sendo tua a panella, replicou Cataõ, foras comendo esta tal, e qual vianda com que todos nos haviamos sustentado. E que prazer recebias de estar só a mexella, sendo a sua agua as lagrimas dos vivos,{106} e o seu adubo o sangue dos mortos?

Tambem o fogo aonde fervia, disse Carlos Magno, era o incendio da guerra civil, a coisa mais lamentavel de todas as desgraças, que em o mundo possam succeder.

He hum ingrato mui pedante, disse Crates Mallotes, todo o que deseja mudada a Legislação, e os antigos costumes do seu paiz, em pontos essenciaes; porque semelhantes mudanças são a origem daquelle triste fenomeno, que Gúliwer ha pouco vio: e que tem produzido des donde o Sol se poem até aonde elle nasce as misérias mais terriveis, do que a memoria de todos os seculos nos tem mostrado. Mas para não mentirmos, devemos confessar, que as traições tem sido a causa dos ratos terem feito tanto damno pelas ribeiras: se isso não fora, já ha muito estariam incurralados em seus buracos.

Melhor seria, disse Lelio, que as arrãs, não lhes houvessem dado pasto para roer; porque então elles se{107} devorariam huns aos outros, como fazem estes, que andam de cavallaria, pelos fórros destes tectos. Todavia he muito certo terem sido as traições a causa de durarem ha tantos annos essas carniçarias lamentaveis.

Se os traidores, disse Cataõ, não fossem pedantes, conheceriam, que em o desempenho de suas obrigações, he que consiste a sua

propria felicidade; e que o ultimo fim da vil traição he todo o genero de trabalhos, ou, quando pouco, huma infamia, que nem todo o mar em infinitos seculos poderá lavar.

Sabemos muito bem, disse Crates, que o interesse do traidor costuma commummente ser igual ao do que entregou Gibraltar; mas Gibraltar ficou perdido. Pelo que mostrai, como se podem evitar os menos traidores, que for possível, em pontos tão delicados.

Huma boa educação publica, respondeu Cataõ he o primeiro remedio: depois disto evitar-se o mais^{108} que poder ser tropa mercenaria. Assim he, disse Cesar, porque, quando todos os Cidadãos em Roma eram soldados, nem ao imperio faltava defeza, nem o povo morria de fome. Em tempo de guerra corria toda a gente necessaria, no fim cada qual vinha para sua casa. Desta maneira o ser soldado não se oppunha entãõ nem a ser estudante, nem lavrador, nem General.

Tambem os soldados Portuguezes antigamente, disse Diogo de Teive, eram lavradores, e homens, que tinham interesse na conservação de suas familias, e de seus bens: homens capazes, que de suas lavouras hiam para a guerra, e da guerra para as suas lavouras. Naquelle ditoso tempo não se prendiam homens vadios, e facinorosos, senãõ para o supplicio; e ainda que se admitisse algum destes por ser valoroso, elle se fazia honrado, pelo desempenho dos seus deveres.

Por isso, continuou Cataõ, temos visto por aquelle telescopio, que ninguem^{109} até agora entrou em Portugal com mãõ armada, que mais hoje, mais amanhã não sahisse com a aza a rastros.

Eu estava admirado do que ouvia, e já gostava de ser bom estadista (não como os do caffè, aos quaes aborreço de morte, quero dizer as suas loucuras) por isso, estando muito familiarisado com a presença de Carlos Magno, que me tinha havia tanto tempo ao pé de si; com o mais profundo respeito; porque não costumo abusar do favor, que se me faz, assim perguntei: Como, Senhor,

póde neste tempo, em que tanto se necessita de trópa bem disciplinada, deixar de haver soldadesca paga?

Cataõ logo entrou a rosnar; mas em tom que nada percebi, com tudo, se fordes bom Logico, podeis fazer huma boa conjectura.

Sua Magestade, o Illustre Imperador Carlos Magno respondeu-me com a mesma affabilidade, com que costumam os Monarcas Portuguezes fallar ao seu povo, e aos estrangeiros, o que^{110} tudo observei quando estive em Lisboa; e Teive havia confirmado com milhares de provas; o qual era testemunha sem suspeita. O plano, proseguio o heróe famoso, para haver muitos soldados fiéis, e valorosos com bem moderada despeza, he o seguinte: Tem por exemplo huma Potencia 60\$000 homens pagos, tenha só 12\$000: estes sejam bem escolhidos. Alistem-se agora 200\$000: repartam-se em Regimentos: venham da tropa paga officiaes sabios, e honrados para cada regimento. Tenha-se muita attenção aos destrictos para se ajuntarem os soldados em os dias desoccupados a fazerem exercicio. Dê-se aos pobres fardamento de tres em tres annos: a todos sem excepção a sua arma. Fóra do exercicio não se vistam as fardas, tirando aquellas, que cada qual quizer comprar, &c. Não se pague senão em guerra, ou actual serviço. Não se falte com o premio aos benemeritos. Então siga cada hum o modo de vida que bem lhe parecer. Mas quando este seja incompativel, não se deve vexar ninguem.^{111} Ora disse-me deste modo faltará quem defenda a sua Patria?

E seraõ, respondeu Cesar, menos as miserias publicas, e não ficaraõ as terras a monte, e não haveraõ tantos ociosos, e...

Naõ será preciso, interrompeu Cataõ, prender homens, e assim constrangelos a jurar bandeiras, as quaes por esse motivo lhes haõ de ser sempre odiosas.

Fallando assim Cataõ, e estando Carlos Magno virado algum tanto para elle: aproveitei-me da occasiaõ, e espetei o bico na orelha de Crates Mallotes, que estava á ilharga de Cesar; perguntei-lhe muito baixinho: Com que Bullas está aqui o açoite dos infiéis?

Já te esqueceste (respondeu-me em o mesmo tom) do que te disse Quintiliano lá no congresso, quando se recommendou a Grammatica da lingua materna? Então lembrei-me da Grammatica Tudesca; e ao mesmo tempo da brevidade, ou fraqueza da memoria humana. Mas debalde se fallou tão baixinho;^{112} porque o Imperador tudo ouviu, e disse mui expeditamente: Sim, fui Grammatico, e não temos medo aos Filósofos da moda. Tu faze pelo ser, para que algum dia tenhas lugar aqui connosco.

Elle que acabava de fallar, chega Manucio, Braz Pico, Laurenti, Crinito, Linacro, o Barbadinho, Antonio Pereira, e mais vinte Escritores Portuguezes, e pediram, compozesse eu huma Grammatica Filosófica da Lingua Portugueza; no que agora trabalho, mas espero de Lisboa humas tres que me dizem, estão a sahir a publico, para dellas me aproveitar sem crime de furto.

Parece-me escusado dizer, com quanto respeito estes Grammaticos, que me vieram fazer a sua recommendação, tractaram aos Imperadores; porque já vos disse muitas vezes, que alli não ha gente mal criada.

Em fim, promettendo eu áquelles amigos pôr todas as minhas forças por satisfazer ao seu empenho, disse Crates Mallotes: Vai agora ver o que^{113} vai; chega-te ao telescopio. Subi, inclinei o olho, e Sanches chegou-me o canudo ao ouvido, e então vi, e ouvi hum grande ajuntamento de ratos a chiar: e logo entráram ás focinhadas huns aos outros, como damnados. Nesse tempo veio-me aos olhos hum reflexo de luz de tal qualidade, que me obrigou a fechalos; mas quando os tornei a abrir, já nem vi mirante, nem nada: só me vi na região das aves sem saber que rumo seguisse, nem para onde me voltasse.

FECHO DA OBRA.

Conta Gúliwer como chegou á patria: como foi poizar á quinta de hum Lord: como foi tratado: como deixou de ser passaro pelo toque da Carta de Crates: o seu Theor, &c.

SAhindo eu daquelle magestoso edificio sem saber de que maneira, assim como não soubera o modo com que á ilha arribára; não tive então remedio, senão voltar o rabo para o Norte, e o bico para o Sul; porque não avistava nem palmo de terra: agua, e ceo, eram os unicos objectos de meus olhos. Estive hum pouco agitado dos mais tristes pensamentos, lembrando-me a desgraça de Icaro; mas adoçava estes amargos com o perfeito conhecimento de não terem sido as minhas azas feitas de cêra pelos^{115} homens; sendo pelo contrario seus autores defunctos sabios, e honrados, inimigos de traidores.

Assim animado desta esperança verdadeira, cujo fim não foi doloso, vim voando á ventura, por cima de mares immensos, que ví em differentes partes coalhados de navios, que me pareciam formigas d'aza. Porém chegando á altura de Londres, que muito bem conheci, e que me creou hum novo coração, entrei a descer por huma perpendicular, e cada vez se me hiam fazendo maiores os edificios, os quaes ao principio me pareciam conchas de mariscos, ou de caracois brancos.

Cheguei em fim á patria; mas *ad cautelam* para evitar algum insulto da plebe, fui poisar á quinta de hum Lord, que fora muito meu amigo em outro tempo, e que ainda hoje o he. Porém eu chegado ahi, senão quando todos os rapazes, e raparigas da fazenda, me vieram com páos dar as boas vindas. Como pois eu era hum passaro tão desusado, como{116} manso, me foram tangendo para casa de seu amo: nem eu queria outra coisa. Acudio elle, e ficou satisfeito do presente. Eu tive minhas tentações de lhe dizer quem fosse; mas contive-me; porque julgaria, que era algum diabo, ou alguma bruxa pelo menos. Deste modo segui o systema de mudo, até que algum defuncto me absolvesse de passaro, e me restituísse a figura de homem.

Assim que ví o Lord entrei a fazer-lhe festa, como pude, isto he, com o rabo, e dando minhas correrias; mas de sôrte que elle conhecesse que eu era animal domestico, por evitar alguma peia, &c. O amigo estava-se babando: logo mandou vir hum escudélla de páu, cheia de legumes, lembrei-me logo de Pythagoras, e do riso de Teive; e conheci-me comprehendido em o mesmo crime; porque havia sido pouco devoto daquella fructa (por má creação, eu o confesso) e então senti hum tamanha rafa, que até devoraria a propria gamella. Mas todavia fiz-me grave até ás horas de{117} jantar, que me pareceram mais compridas do que a noite em que Alcmena dormio com Júpiter; cuidando ella ter em casa o seu Anfitrião.

Neste dilatado tempo recebi milhares de visitas, que me fizeram hum grosso circulo, bem como a plebe de Lisboa costuma fazer a hum preto, quando esfola algum cavallo; do que sou testemunha de vista. Tocou finalmente a jantar, e eu que estava já aborrecido daquella gentalha, e morto de fome, rompi por onde pude, fazendo caminho com o bico, o qual fui logo espetar no prato do Lord, que não levou a mal o meu desembaraço, antes mo encheu humas poucas de vezes de boas viandas. Tambem repiquei em o copo; mas com muita moderação. Desta maneira tirei o ventre de miseria: e regallei-me em quanto fui ave. Eu sahia pela quinta, e tornava: e não havia mimo, que se me não fizesse.

Ora eu cheguei áquella boa hospedagem ás déz horas do dia 2 de Janeiro de 1800, e seriam onze do dia{118} 13 do dito, estava eu ao Sol (que durou bem poucos minutos) estendendo a aza, e compondo a plumagem: senão quando chega huma ave, que me parecia galinholla, com hum cartaz no bico, e deixando-o cahir lá do alto sobre mim, fiquei Gúliwer como dantes, vestido em trajes de marujo, o que eu certamente nunca fui, mas assim vestia em meus embarques. As pennas lá fugiram para o corpo do Correio: e talvez tornem a ser convertidas em as artes de que já fallei.

Estando eu todo concho a abrir a carta, chega de repente o caseiro, e diz: Quem deu a você licença de aqui entrar? Senhor, respondi, achei a porta aberta. Não póde ser, replicou, vocês trepam pelas paredes como gatos. E apostamos, que você vem com o cheiro em o passaro de meu amo? Ah! Sim hum passaro mui esquipatico, disse eu, ahi anda em o cima da estrada a querer saltar para dentro. Vamos fóra eu lho ajudarei a enxotar para cá.{119}

O pateta, que isto ouvio, sahio a correr; e eu apoz elle. Metti-o em huma travessa, e safei-me por outra bem para longe a ler a recommendação dos amigos defunctos, cujo theor he o seguinte, em pergaminho de boa letra, que não dou nem por hum milhaõ de libras estrellinas.{120}

CRATES MALLOTES

Exembaixador do Rei Attalo, Exprofessor
de Letras Humanas em a Cidade
de Roma, Presidente Honorario
dos Grammaticos defunctos

Ao nosso amado Hospede Roberto Gúliwer deseja muita Fortuna.

Não te posso explicar, amigo Inglez, as saudades, que deixaste em a nossa ilha, e quanto todos ficáram namorados do teu bom procedimento; por isto, e tambem pelo bom affecto com que te tractámos, he necessario, não te esqueceres das nossas recommendações, para que, depois do golpe da Parca, te associes comnosco. Muito bem observaste quantos homens grandes aqui habitam, Imperadores, Bispos, Condes, Generaes, &c. Depois disto aviva lá no mundo a nossa memoria, para não esquecer de todo: {121} o que te será pouco custoso, patenteando os justos açoites, que nos vistes descargar sobre o pedantismo deste seculo. Mas os Grammaticos Portuguezes, de quem muito nos prezamos, e os Hespanhoes, querem, que tu dívulgues as nossas lições em Portugal; não por necessitar mais dellas, do que as outras nações, mas porque lá ainda ha muitos sabios, a quem haõ de ser bem gostosas. Não temas nada: tudo o que disseres, he nosso, que nos

lastimamos muito dos destemperos da humanidade. Se em fim por tamanha caridade houver quem te morda, de cá irá o medicamento, sem que pagues porte ao Correio. O portador desta he Despauterio, e pódes dizer áquelle amigo, que elle já não ralha dos outros, e que siga este exemplo. Ilha dos Mórto 12 de Janeiro de 1800.

Apenas lí este passaporte, corri como huma lebre a casa do Lord, que não sabia o que me fizesse. Logo me deu vestido, dinheiro, tudo. Mandou-me^{122} sem perda de tempo pôr mãos á obra; e depois de a lêr carregou-me de elogios: e vai-se a imprimir por sua conta. Eu estou mui gostoso da sua approvaçã, por ser hum homem doutissimo, que não declaro para não cahir em incoherencia, que he o peor defeito de quem escreve.

FIM.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CRATES
MALLOTES OU CRITICA DIALOGISTICA DOS GRAMMATICOS
DEFUNTOS CONTRA A PEDANTARIA DO TEMPO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic

works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or

with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and

discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY

DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur:

(a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can

be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.